

MARIA HELENA VENTURA

ONDE VAIS ISABEL?





Título: *Onde Vais Isabel?*
Autor: Maria Helena Ventura
© 2010 by Saída de Emergência

Todos os direitos para a publicação desta obra reservados por
Edições Saída de Emergência
Av. da República, 861, Bloco D, 1.º Dtº
2775-274 Parede, Portugal
Telefone e Fax: 214 583 770
www.saidadeemergencia.com

Paginação: Edições Saída de Emergência

Impressão e acabamento: Guide - Artes Gráficas, Lda.
Depósito legal n.º 302 895/09
Acabou de imprimir-se em Janeiro de 2010

ISBN: 978-989-637-160-9

Ca mia senhor nunca Deus pôs mal
mais pôs i prez e beldad' e loor
e falar mui bem, e rir melhor
que outra molher de si é leal

....

tanto a fez Deus comprida de bem
que mais que todas do mundo val

Quer' eu en maneira de proença...

—D. Dinis

A el Rej da Rejna
.....
De bosa amadeira
Iljsabet

Ala Reyna por el Rej
.....
De Sãtarê a dose ãdados de Julho,
muito p´ sada j amada senhora minha,
mui boso acareador,
Djnis Rej

*A meus pais
Não eram religiosos, mas deixavam que as filhas dos
merceiros
que nos forneciam a casa, me levassem à missa de
Domingo,
na igreja do Convento de Santa Clara*

*Ao meu bisavô Adriano Ventura
Com mestre António Gonçalves e mais alguns
companheiros,
fundou a Escola Livre das Artes do Desenho, de que
foi membro
da Comissão Directora, e que funcionava na Torre
da Almedina.
Sobre Santa Clara, onde desenvolveu trabalho com
o irmão Benjamin, chegaram até à neta, depois ao meu
conhecimento,
as histórias que as monjas lhe contavam*

*À minha querida professora
Lídia Helena de Albuquerque Matos
Que me ensinou, aos nove anos, princípios
fundamentais
para a vida inteira, e costumava dizer que eu estava
corada como uma rosa da Rainha Santa*



I

*Não por nós, Senhor, não por nós
mas para glória do Teu nome*

*P*er Déu, germans, ajudeu... ajudeu-me a treure 'l d' aqui...
Quem gritava era o ferreiro de Almenar, que conhecia bem o homem quase enforcado na praça de San Mateo, às primeiras horas da manhã daquele dia treze, do primeiro mês do ano. Não devia ser idoso. Na cabeça rapada despontavam cabelos ainda negros como as barbas longas, e os ombros bem afirmados seguravam o capote, por intenção alisado. Os populares iam ocorrendo, angustiados com a imagem, com o rosário de lamentações que o ferreiro ia desfiando

É o visitador do castelo de Monzón, que ainda ontem corria os lugares a lembrar o casamento da infanta D. Isabel... Quem terá feito isto com ele, Nossa Senhora de Puig?

E não parava de invocar os santos conhecidos, a segurar as pernas balouçantes do infeliz. Quando alguém, equilibrado na base de uma talha, conseguia cortar a corda, o corpo escapava-lhe das mãos para cair pesadamente no chão. Nessa altura já os curiosos confirmavam a identidade da vítima, que o ferreiro fazia por reanimar com palmadinhas no rosto. Era Ramón de Barbaré, de uma família descendente de cátaros de Carcassonne, acolhida por gente do Templo, primeiro do lado de lá dos Pirenéus, depois em diferentes paragens do reino da Catalunha. E desatavam os populares a bater palmas quando ele ganhava cores, à medida que abria os olhos, sorrindo de gratidão pela pronta intervenção do ferreiro.

Aquilo passava-se há uma lua. Depois do pesadelo das duas primeiras noites, eu acabava por esquecer. Até que esta madrugada ouvia, na casa da minha companheira viúva, as pancadas fortes a castigarem repetidamente a porta de carvalho. Levantava-me aturdido, mal enrolando uma saca de estopa à volta das partes nuas. Ainda amedrontado entreabria as portadas da janela, ao rés-do-chão, para receber ali mesmo, das mãos do encapuzado, a mensagem anunciada por uma voz rouca, a sair como de um túnel da massa escura sem rosto definido

É para já... teu tio tem de levá-la ao destino ainda hoje

E dito isto desaparecia em cima de um cavalo tordilho, para logo se confundir com a linha do horizonte, já riscada por uma brancura leitosa.

Morto por desenrolar o velino para ver o que continha, assim fazia eu, fixando os poucos símbolos com o tronco inclinado para fora das portadas, para colher a claridade. Ao cimo, do lado direito da folha, um sol incidia sobre o desenho de um burgo, sobressaindo logo abaixo os números II e III unidos por linha recta. A meio nada mais que um tornez de prata, uma moeda recente cunhada na corte de Portugal, igual a cinquenta dinheiros. Já tivera algumas na mão. Do lado oculto, fixado com grude à folha, devia estar o escudo dos templários. À vista, quase na orla do círculo, a face de cinco escudetes exibia bem legíveis os dizeres *“adictorium nostrum in nomine domine que fecit celum et terram”*.

Não era tudo. Ao fundo do rolo via-se a marca do selo da ordem do Templo, tão chegada à margem da folha que pensei logo no jeito de carimbar de meu tio Ángel, grão-prior da casa de Monzón. Mas ainda mais estranho era o pentagrama que

encimava a marca, com prolongamentos finos nas pontas e linhas mais definidas a meio. Um desenho? Quase certo. Do feixe de linhas cruzadas os meus olhos retiravam um triângulo de ângulo recto, com meia lua agarrada ao centro da parede vertical, de modo a formar um P.

Voltava então a enrolar o velino com cuidado, para não descolar a moeda, não fosse alguém perceber que tinha violado a mensagem. E antes que me esquecesse dele na hora de partir, metia-o no canudo de couro, depois o canudo na algibeira interior da túnica que havia de vestir. A seguir comia as sopas de pão com vinho, emborcava as borras do líquido no fundo da malga, enfiava as vestes sobre o corpo suado. E saindo para a madrugada, em silêncio para não acordar a viúva, corria o ferrolho do curral para aparelhar o burro inquieto com o som dos meus passos.

II

Que trist'oj' é meu amigo

Meu tio Juan de Cardaña y Fole é um goliardo de trinta Manos, avesso a obrigações, à organização do tempo. Venho encontrá-lo nos anexos da casa de Penedès, numa cabana de madeira a quatro léguas a ocidente da casa da viúva. Meto o nariz numa ranhura das ripas. Ali deitado nas palhas da choça atulhada como uma colmeia, mergulha na quietude de um mundo de fantasia. Tem o rosto sereno, adoçado por raios do puríssimo alvorecer, filtrados pelos intervalos das telhas.

Escancaro a porta com um pontapé, como tantas vezes me tem feito. Só ao fim de algum tempo se levanta, como se descobrisse então que o barulho não vem do sonho, e o coração lhe adivinhasse tempestade. Agito o rolo da mensagem, ensaiando uns passos à retaguarda. Com um salto arranca-mo das mãos, de olhos fitos nos meus, a boca salitrada por alguma bebida forte da véspera. E ainda atento ao mínimo movimento, chega-se à porta para ver melhor, a desenrolar o velino com mãos trémulas.

Basta ver-lhe o nariz franzido quando começa a leitura, para entender que deve ser coisa grave. Mas cedo se recompõe. Quando volta a encarar-me já tem firmeza na voz

Julgas que não sei que andaste a farejar a mensagem?

Quem, eu? Era lá capaz de devassar escritos que não me são dirigidos

Hum... não és tu capaz senão de vasculhar o que não te diz respeito e montar na garupa das mundairas... Pois fica sabendo que te atiro da ravina, se deres um pio sobre o que viste

E mais nenhuma palavra de jeito enquanto aparelha a mula, companheira de hospedaria, a não ser repetir parte de uma frase estranha bastas vezes repetida pelo monge cego de Monzón, a mesma frase destacada da última conversa que Ángel teve comigo, tempos antes

Lágrimas e rosas, nada mais que lágrimas e rosas...

De quem falais, afinal?

Da infanta D. Isabel. Já tanto tumulto em redor mal começa vida nova.

Alguma notícia ruim, acerca dela?

Não sabes então o que viste? Vê lá se te dou com a vara para não seres dissimulado

Agora rumina frases, pouco disposto a conversas. Nem sequer me pede para o acompanhar quando informa que tenciona vencer as vinte léguas até Barcelona, antes do sol raiar. E dito isto rapa a mistela que sobra da véspera, um cozido de favas ressequido agarrado às paredes da escudela, antes de engolir o líquido da cabaça, esquecida num poial improvisado com cestos.

Mal acena do lado de fora, a picar a mula roliça direito ao caminho mais curto, monto logo o burro para ir atrás dele, a pouca distância, que não me falha o instinto quando adivinho grande segredo no pedido de ajuda dissimulado no anverso do tornez: “*Vem em nosso auxílio senhor que fizeste o céu e a terra*”. Não descanso enquanto o não descobrir.

As bestas correm ligeiras, rumo aos muros da cidade, de modo que em pouco tempo avistamos os contornos do burgo.

À direita os esboços das torres sineiras, gráceis ornamentos da catedral que em breve vai ser demolida, para nova construção. À esquerda as chaminés do Palau Reial Major, talhadas contra o céu da manhã, como ponteiros pardos lavados por jorros de luz. Mais abaixo, ainda no exterior da muralha, descansam os telhados de um aglomerado de casas, já denso junto à porta principal, bordados por uma auréola dourada.

A vigilância foi reforçada. Há mais guardas em cada uma das torres cilíndricas que ladeiam o portal, de vigia sobre o aqueduto. É tanta gente que gritam cá para baixo, a tentar pôr ordem na circulação penosa. O meu burro é pequeno, consigo aninhá-lo na passagem de peões que começa à porta do Arcediago, para cruzar a frente da catedral e meter pela Carrer dos Condes. Entusiasmo ceifado pela raiz. É-me vedada a passagem logo a seguir à casa do bispo. Um guarda adiantado sugere que contorne o edifício pelas traseiras, fazendo a baixada perpendicular à rua principal.

Mas de novo sou travado por mais guardas a meio, uns passos à frente da porta das cavaliças do paço. Só me resta voltar para trás pelo largo da catedral, fazendo um troço da rua del Bisbe, ao lado dos claustros, antes de cortar à esquerda e desenhar, com burricadas ligeiras, o novelo da rua da Pietat. Mal acabo de vencer o lado de trás do monumento, dou com nova fila de almogávares vindos da fronteira de Aragão, onde a baixada de Santa Clara, direita à Plaça del Palau, cruza a Carrer dos Condes.

Ali fico. De um lado travado pelos guardas, depois pelo povo que avança do coração do burgo, hoje com batimento mais forte. Nem os avisos dos arautos, dias antes, impediram a intensa animação que hoje ameaça estrangular as ruas. Quarta

Feira de Cinzas... Negadas as festas profanas... À medida das enchentes como água a extravasar dos regos, tigem os sinos redobrados, a ressoar no caminho manchado de térreas tonalidades, pisado por uma massa humana de diferentes raças e credos.

Volto à rua del Bisbe. Ainda em cima do burro avisto o movimento sob as arcadas dos paços, destacados das casas térreas arrumadas umas sobre as outras. Marinheiros, comerciantes do Midi, ricos hombres, caballeros, hidalgos de todas as partes dos reinos de Aragão e Catalunha, misturam-se com servos a carregar a bagagem dos amos à procura de hospedagem. Romeiros também não faltam. Venceram a custo os caminhos desde o Rossilhão até Compostela, e feita a peregrinação tentam a sorte na cidade, sem ânimo para o regresso. Não há vão de porta livre, todos servem de acomodação aos mais pobres.

Por aqui passo o tempo, a conduzir o animal rente às paredes negras, desejando a luz de uma praça para respirar melhor. Meu tio deve andar às voltas por outras vielas estreitas como riscos, a ver se encontra caminho desimpedido. Rapidez não trará. Impossível o animal romper ligeiro estas ondas de gente. Depois há de entender por mais seguro patear com cuidado o chão ainda húmido, onde o sol jamais conseguirá entrar.

Alcançada a parede da catedral que deixei há pouco, apeio-me, a fazer o varrimento ocular dos espaços em redor. À minha esquerda, quase ao fundo da rua, um moço de estrebria esfrega com vigor o lombo de um cavalo árabe, de pelo negro azeviche. Há mais dois à espera de vez, cabeças tordilho e baio estendidas sobre as portadas da cavaliça. Pela adivinhada esbeltez só podem ser pertença de algum nobre, talvez

até do próprio rei D. Pedro III de Aragão. O moço parece ter pressa, já o dia se abre em toda a plenitude, o sol a derramar reflexos do mais puro ouro no tom enegrecido dos muros, nos costados do casario, nas torres da catedral.

Onze de Fevereiro, do ano do Senhor de 1282. Não me esqueci dos pormenores da data, desde a tarde em que Ángel, o emissor da mensagem, fixava os olhos na orla da floresta, debruçado no adarve do castelo de Monzón. Notava-lhe um estranho temor pelo futuro dos moradores, desta e de outras fortalezas templárias, quando lembrava as alianças entre França e Navarra, a vontade de Filipe III em unificar reinos vizinhos sob a mesma coroa. Para isso o rei dos franceses queria enfraquecer outros poderes que lhe barravam o caminho, até a poderosa ordem do Templo. E meu tio diluía as apreensões na esperança de que um acontecimento próximo, pudesse inverter o curso dos ventos.

Na altura não entendi que falava do casamento de D. Isabel com o rei de Portugal, mas nada lhe perguntei. Habitado a confiar nele, na grande sabedoria que lhe granjeava respeito aqui e além Pirenéus, comungava apenas do temor e da alegria que seus olhos transmitiam, e tanto me bastava. Mas sentia que era grave, isso sentia. E nesse dia prometi-me descobrir que estranhos conflitos interiores o consumiam.

Juan acaba de chegar a este extremo da catedral, sem me dar atenção. Decepcionado, claro, com a nova barreira de cavaleiros perfilados em linha em toda a largura da rua. Agita-se em cima da mula, angustiado, com pressa de passar a mensagem que o traz a Barcelona. Mas como não costuma dar abrigo a contrariedades, em segundos aninha a viola entre o traje puído de estamemha e o dorso do animal, para

apelar ao jeito cortês de antigo monge. Começa então a discorrer sobre os nomes sonantes da sua linhagem, para introduzir a urgência da missão, num discurso profundo de amplos gestos.

Lá consegue convencer os guardas. Nessa altura aproveito a maré de sorte e monto também, transformando com ele as últimas braças do percurso no fulgor de um raio. Já no pátio, Juan puxa com vigor as rédeas da besta, ensaiando meia volta em frente do rapaz confundido com o galope desabrido. Ainda o animal se agita para soltar o freio já o cavaleiro, a deitar os bofes pela boca, desfere perguntas sem a cortesia de uma saudação.

E a infanta D. Isabel?

Pois deve estar ainda recolhida, bom homem. Sossegai primeiro vossa mula que parece cansada de correr

Quero ver a aia dela mais velha, antes que saia

E que posso eu fazer, um moço de estrebaria?

Vai lá dentro, pede para falar com Soledad, diz-lhe que a espero no vão daquela porta, ao lado da cavalaria

Agora?... Não sei se conseguirei romper pelo paço dentro

Aqui tens, oiro do bom

Mas isto são maravedis dos antigos, uma riqueza...

Vais ou não vais?

É para já, bom senhor, se tomardes atenção ao cavalo. E quem devo anunciar?

Diz-lhe que trago novas urgentes da casa templária de Monzón

O moço desaparece pelas escadas do pátio interior, a chocalhar as moedas na mão fechada. Aproveito para me apear pela segunda vez, atar a corda do burro a uma pedra, cruzar

com destemor o espaço à frente de meu tio, já rente ao cavalo meio escovado. Ainda atira o corpo para a frente, convencido de poder apanhar-me o braço e castigar o meu arrojo.

Onde pensas que vais ?

Onde bem me apetece, não posso?...

Só porque tens mundaira certa já te julgas homem? Daqui não passarás

Não me podeis embargar... olhai como passo adiante

Só lhe permito o aceno de cabeça em sinal de reprovação, antes de galgar as pequenas escadas do pátio dos claustros. Logo à direita entro na porta interior do paço, atrás do rapaz, para vencer, agora colado a ele, mais oito degraus até ao nível dos cómodos de serviço. Andamos umas polegadas, num corredor com janelas. Detemo-nos quando alcançamos um átrio pequeno, com porta de entrada de almocreves e fornecedores, e acesso directo ao pátio onde meu tio espera. Ninguém nos impede a passagem para diante desta raia, que separa a zona dos serventes da área nobre destinada à família real. O plano do mancebo é simples, conforme me confia, a meia voz

Procuro outro varão da minha criação, dado a conversas com pajens e camareiras

E ele é de confiança?

De confiança é. E não lhe dá cousa ser visto por maiores do paço. Se ele conseguir contar-lhe o estranho recado, num ápice a tal dama pode correr ao terreiro para acalmar o homem da mula ruça, capaz de morrer roído de ânsias

Morrer não morre, descansa, agora vir por aí desabrido e deixar o cavalo sozinho...

Credo... vamos então à procura de minguar o mal, quanto antes

Passada a porta da cozinha a fervilhar de gente, depois a zona das copas, esperamos uma aberta no vaivém de criados que arranjam e levam pratos largos por um estreito corredor. Esta passagem é atravessada por outra, que abre para todas as divisões da planta inferior. Do lado direito vemos duas portas, a primeira com entrada para a sala de refeições diárias, a outra com acesso à biblioteca, prolongada como braço para a Praça del Palau. À esquerda ficam a sala de bordar e a salinha de leitura, ambas com portas para a varanda de trás, virada para o claustro. À frente deste corredor, apanhando a área das salas de um lado e do outro, fica o Salão do Trono ou Sala dos Arcos Românicos, com a porta principal de entrada no paço, à direita.

A esta hora ainda os reposteiros que a separam do corredor estão afastados, para os criados circularem sem estorvos. Os convidados já são muitos, a maior parte de reinos vizinhos, confirmantes do casamento por procuração da filha de D. Pedro com o rei de Portugal. Mas pela forma de trajar reconhecem-se embaixadores de fora da Ibéria, prontos para a cerimónia daqui a pouco na catedral, à distância de uns passos. Para lá deste salão, com tecto suportado por bela arcaria românica, um portal de arco perfeito dá acesso a um átrio espaçoso. À esquerda acho que fica a escada de acesso à planta superior. À direita é a entrada directa para a capela real, colada à muralha romana.

A minha vontade era romper por ali, subir as escadas, explorar o último piso. Em vez disso aceito a sugestão do manco para voltar atrás uns passos. Ainda não há tanta gente que dissimule duas presenças mal apostadas. Ficamos algum tempo meio escondidos à entrada da biblioteca, onde se guar-

dam os documentos importantes como o que vai ser lavrado ainda hoje, no regresso da catedral.

Ouvimos a porta principal a fechar. Quer dizer que não falta ninguém, a Sala do Trono deve estar repleta. Voltamos então a dar uns passos em frente, para assomar à entrada de olhos esbugalhados. Diziam os criados que não podia haver festa? Nunca eu tinha visto tanto lustro de baixelas, trajes, pedraria, habituado à austera nudez das casas onde tenho entrada. Os cavaleiros reviram os olhos gulosos para mesas compridas, ao longo das paredes, depois para as donzelas casadoiras como qualquer varão humilde das charneças ou dos montes.

Os criados não páram. Carregam pratos de peixe fresco chegado há poucas horas do cais, pão do melhor trigo dos campos de Zaragoza, frutos e vegetais frescos da região de Valência. Alguns levam fornadas de pães mimosos de Castela, manjares dos pueblos de Navarra. Outros ainda, aprumados como garças nas margens dos sapais, carregam jarros de vinho maduro de além Pirenéus, do sudeste do Midi, o néctar das uvas de Vila Franca del Penedès, minha terra e de nosso rei. Mas progressos na missão que nos traz aqui, nada.

O moço desespera. Há tanto tempo sem avistar o amigo teme pelo cavalo do lado de fora, a imaginar o goliardo ansioso pelo retorno da generosa dádiva. Decide então voltar à zona de serviço, ele à frente eu atrás. Ambos confundidos com a fila de carregadores de giga às costas, pegamos em ceirões amontoados pelo caminho mais estreito que conduz à copa, à cozinha, acabando por pousá-los quando finalmente avistamos o mancebo que procuramos.

III

Ay, senhor fremeosa, posa Deus

Mal cumpre a missão o moço das cavaliças volta ao trabalho, eu fico por ali, inebriado com a intensidade de aromas. Sinto fome. Alheado do perigo de ser descoberto como intruso, vou à cozinha catar coisa que se coma. Ninguém me agarra o braço para me enxotar, não há ordens que me neguem a comida, ninguém pergunta donde venho ou ao que vou.

Satisfeito volto ao mesmo lugar. Será que ninguém dá por mim se atravessar a sala, até ao átrio para lá da entrada? Arrisco, procurando não tocar os corpos dos fidalgos, mais chegados às paredes com janelas. Ponho o ouvido à escuta ao fundo das escadas que ligam à segunda planta. Não ouço ruído que ameace a ousadia. De modo que vou por ali acima, a galgá-las de um só fôlego, para vencer outro corredor de passagem estreita. Há portas fechadas, talvez as câmaras reais com janelas para o largo. Alcanço a última, levado pelo soar de vozes como brisa nos pinhais.

Uma porta entreaberta é uma voz que chama para um tempo novo. O que terá esta, para além do fausto que antecipa? Um perfil de princesa em passadas curtas ilumina, de quando em quando, o meu ângulo de visão, fazendo e refazendo a distância entre as gelosias e a parede oposta. Deve ser ela a neta de D. Jaime I de Aragão e Catalunha, filha de D. Constança de Hoenstaufen. Não parece tão loira como o trigo a ondular nos campos de Zaragoza, conforme se dizia em

Penedès, mas o cabelo é claro, quase dourado nas madeixas da frente, ainda caídas de cada lado do rosto.

Desliza ainda pela câmara de cabeça no chão, a ensaiar o compasso que daí a pouco marcará o ritmo do cortejo. Aliada ao nome suporta já uma aura de santidade, arrastada pelos feitos da tia avó da Turíngia, abrindo caminho no coração ingénuo da crença popular. Anseio que volte, instantes depois de a saber por detrás das janelas, a vigiar o movimento da praça. E à falta de largo campo, vejo-a como nos meus sonhos, prolongados neste fim de corredor.

De repente sobressalta-me a voz que tantas vezes me ordenou sossego, e me obrigou a rabiscar o pergaminho, a voz de minha tia Soledad. Devia estar nas arrumações do fato da infanta. Com certeza já de posse do recado do moço de estrebria, porque informa D. Isabel que precisa fazer uma ausência curta, para tratar de um assunto urgente. E já no umbral da porta sossega a noiva

Mas não vos enfadeis, senhora D. Isabel, num pronto chegarei

Se prometes não demorar...

Só tenho tempo de correr pelas escadas e anichar-me no vão da primeira fresta, como um santo de pedra. De pouco adianta. Como se vasculhasse um objecto por ela mesma guardado, o braço de minha tia alcança-me o exacto ponto da orelha a jeito, e obriga-me a olhá-la de pescoço torcido

Ousado, como sempre. Estou a ver que seguiste Juan

Ele pediu que viesse... ia negar?

Ah foi? Mas não foi aguisado que subisses, pois não? Trata de esgueirar-te à minha frente, não quero ser responsável pela intrusão

Posso agora confessar que Soledad, a menor de todos, minha mãe, a do meio, já falecida, meus tios Ángel e Juan, os gémeos mais velhos, são filhos do pecado de uma monja de Santa Liestra com um nobre trovador da Catalunha. O pecado maior seria de minha avó, escondida para sempre de olhos indiscretos num reino de silêncio. Ao nobre ficava bem exhibir o fruto do apetite carnal de uma abadessa, que não lhe resistira.

Ainda ouço minha tia pedir a uma criada menor que suba ligeira, para fazer companhia a D. Isabel, enquanto as damas se arranjam. Isto já depois de atravessarmos de novo o Salão do Trono, sem passar despercebidos. Há um cavaleiro fardado de modo estranho, que me lança um olhar surpreendido, depois um sorriso afectuoso. E uns passos adiante desço as escadas do átrio até ao exterior, não muito depois de minha tia. O rapaz esfrega o último cavalo. Juan parece menos agitado, já a cochichar com a irmã na parede da catedral, no lado contrário, mesmo por debaixo de uma das torres. Aí deve sentir-se a salvo de ouvidos indiscretos.

IV

*Diz meu amigo tanto ben de mi
quant'el mais pod'e de men parecer*

Livre de obrigações, a presença agora aceite pelos guardas, exploro o caminho ao longo da Carrer dos Condes, rente à parede dos cómodos onde se aloja gente nobre de Montpellier e Maiorca. Passo ao lado da porta do jardim de acesso ao *scriptorium*, entrada cómoda para o interior do paço quando não há guardas façanhudos. Furo a barreira de cavaleiros por entre duas bestas. Contorno sem medo o braço saliente do edifício pela perpendicular de Santa Clara, para entrar na Plaça del Palau, com muita gente concentrada. Mas ao fundo das escadas quatro escudeiros vigiam a ousadia de intrusos, ainda que esteja cerrada a entrada nobre do paço.

Só me resta voltar ao ponto de partida, esperar que os acontecimentos lançados por meus tios determinem o que vou fazer. Já não os vejo. Só o rapaz dos cavalos varre agora o chão molhado. De novidades não sabe

Está tudo na mesma, não me disseram mais nada

E meus tios?

Entraram por ali...

Indica-me a passagem para os claustros, por onde ambos metemos a primeira vez. Mas vencido o lanço de escadas, feito um troço do passadiço de cerâmica vidrada, não avisto Juan nem Soledad. A porta de acesso à planta superior e às adegas, na de baixo, continua aberta. Gente, pouca. Nem D. Isabel aparece na varanda da sala de bordar. E como poderia, se para

lá chegar teria de descer as escadas, atravessar o Salão do Trono, falar aos convidados? O mais certo é aproveitar o silêncio, para forrar o coração de lembranças aconchegantes de Zaragoza – o paço de Aljaferia, trinado de pássaros no roseiral colado às câmaras privadas, murmúrio de fontes nos vergéis em redor. Lembranças boas, sublinhadas com a memória do sol que debruava os telhados do palácio. E dou comigo a desejar que o passado recente lhe atenuo o silvo de angústia, que deve manchar a fria claridade desta manhã de Inverno.

Sento-me no bordo da cisterna, a lançar seixos pequenos para o fundo. Lá em baixo, nos círculos concêntricos de líquido escurecido, abrem-se veredas frescas com recendor a rosas e mirto, as vestes airosas da infanta de cabelos soltos, ainda da cor do trigo antes de amadurar. Fez doze anos nos finais do mês passado, a idade temida pelas princesas a quem os pais destinam varão coroado. Há seis via morrer o avô, que a criara desde o nascimento. E nesse momento apagavam-se as estrelas que ele plantara no seu caminho de infância.

Havia sempre trechos de *O Livro dos Feitos*, estranha crónica do nascimento de D. Jaime, em Montpellier, onde fora criado pelo inquisitor Simon de Montfort, a pedido do pai. Mais tarde seria reclamado pelos templários, como legítimo herdeiro da coroa de Aragão e Catalunha. Uma história complicada, que parte da nobreza e a Santa Sé queriam remediar, confiando aos monges o resgate da criança. A gente do Templo levou-o então para Monzón, onde seria educado para rei predestinado à glória, com apenas oito anos.

Cedo o casavam com Leonor de Castela, de quem nasceria Afonso, morto ainda mancebo. Mas os desentendimentos constantes do casal levariam à anulação do enlace. Entre as

possíveis noivas D. Jaime viria a escolher Yolanda da Hungria, de quem teria oito filhos, entre eles os varões D. Pedro, pai de D. Isabel, a quem caberiam Aragão, Catalunha, Valência e D. Jaime, rei de Maiorca e conde de Montpellier. As duas infantas que chegaram a rainhas eram D. Isabel, casada com Filipe III de França, e D. Violante, mulher de Afonso X de Castela, avô de D. Dinis por linha materna.

Dizia meu tio Ángel que chamavam santa a Isabel, duquesa da Turíngia, irmã da rainha Yolanda. Até D. Francisco de Assis, grato por ela ter cedido um pequeno convento aos mendicantes, por fazer uma vida simples, entregue a obras de caridade. Gostava de cultivar rosas. Chegou a mandar as espécies mais raras para o paço de Zaragoza, onde a neta da irmã, a quem deram o seu nome, aprendeu a conhecê-las, a vigiar-lhes maleitas desde a mais tenra infância.

Um dia, com a mão enrugada na cabeça da neta, D. Jaime lamentava não ter mais uns anos de vida, para poder levá-la ao altar. Isabel não teria alcançado que o avô lhe anunciava a morte, ávida por colher mais impulsos de mistério nas histórias de vida que ele lhe confiava no paço de Aljaferia. Mas na noite seguinte ouvia a revelação, quando aguardava mais um trecho do livro. O avô preparava-se para partir umas horas depois...

Os seis anos seguintes foram passados em Barcelona, nestes espaços à volta da catedral onde tinha a certeza de ajoelhar um dia, como noiva. E o dia chegou depressa, tão depressa como o vento, abalando os troncos quase desnudados de Inverno. O sentido das palavras do avô ganha hoje o peso todo, na fórmula de aceitação que teve de decorar. Esta é a primeira prova. A outra será a viagem para Portugal, as bênçãos nup-

ciais depois do encontro com D. Dinis, o noivo, já com três bastardos e fama de grande amante. Não pode comparecer à cerimónia. É hoje representado por homens notáveis do seu Conselho.

Aqui entregue a lembranças matizadas com um pouco de inspiração, penso como é bom ser do povo, escolher parceiro a contento. A mim e meu tio Juan nem sempre é fácil o pão, a mesa farta. Só graças a Soledade e Ángel podemos ter uma abastança esporádica. São mais os dias que passamos com duas refeições, como qualquer mendigo, e quase todo o ano disfarçamos com trapos, os trapos esfiapados que nos cobrem. Mas admiro este meu tio quando espaneja o apelido sonante, se é olhado com desprezo, ufano de se deitar com quem quer, pelas razões que a mais ninguém dizem respeito.

Aprendi com ele. Meu instinto empurrou-me há dois anos para a cama de uma viúva ainda moça, gulosa da minha virgindade, por sua vez sedenta de protecção de fêmea mais experiente. Contava eu com o que tenho, e mais que se ocupasse de meus fatos rotos. Mas cerzir não é com ela. Depois das sessões de aconchego e da sopa à beira do fogo, gosta de enroscar-se nas mantas até dormir pesadamente. De modo que entre as visitas à viúva e a fidelidade a meus tios, vou tecendo uma existência indecisa entre a infância e a idade adulta.

V

*En gran dia, senhor, que vos oí
falar, e vos viron estes olhos meus*

A voz atrás de mim, numa língua que não entendo bem, interrompe esta viagem no tempo. É um prelado ainda novo, a compor as pregas de uma capa negra de bom corte. O olhar intenso anima-lhe o rosto branco, rapado como a cabeça, enquanto martela a mesma frase onde só identifico o nome de Ángel. O sorriso rasgado não me inspira confiança. Não sei porquê, mas não inspira...

Não entendo nada do que dizeis...

Pela terceira vez pronuncia aquelas palavras, agora sem esconder a irritação, carregando no sobrenome Cardèña. Pressinto perigo, a minha intuição a sugerir afastamento. E vou-me dali incomodado, à procura de Juan. Não preciso mais que dois passos. Ao cimo das escadas da entrada de serviço, conversa com o moço da estrebaria, agora a polir as dobradiças de metal da porta aberta. Só interrompe com a rápida despedida de meu tio, logo a descer os degraus dois a dois, já a combinar comigo a ida ao largo do Anjo, em frente à muralha, para ver o cortejo que não há-de tardar.

Voltamos então a contornar a catedral pela rua da Pietat. Paramos à entrada dos claustros, onde os gansos brancos se espanejam num lago mal talhado, a rodear o marco onde vai nascer a fonte de San Jordi, dizem, quando a nova catedral for construída. Ainda falta meia hora para a cerimónia. Disposto a partilhar agora parte dos segredos comigo, meu tio sugere

um retiro curto ali mesmo, para dois dedos de conversa. Puxamos então os animais para dentro da cerca. E sentados num canto resguardado de olhares indígenas, com a cumplicidade muda das pedras, atrevo-me a pedir respostas às perguntas que desde cedo rumino

Afinal o que tinha a mensagem de tão urgente?

Um pedido de Ángel a D. Dinis, feito de tal modo que só pode estar com medo

Nunca vi o tio Ángel com medo... Mas D. Dinis não vem, pois não?

Não está previsto. Hoje D. Isabel profere a fórmula de aceitação em presença dos procuradores do rei, depois as bênçãos nupciais serão numa igreja de Portugal

Então, até que D. Isabel chegue ao destino ainda leva tempo

Mas a gente de D. Dinis deve partir em seguida. A ela só compete decidir se entregará a mensagem por mão própria ou se a fará seguir por eles

Mas qual o teor da mensagem... pede o quê?

Aqui Juan baixa o tom de voz e chega-se mais perto

A salvação dos membros da ordem, ameaçados de espoliação de bens, talvez até de extinção

Quem ameaça?

Só pode ser a corte de França, interessada nas terras de Aragão

Por ser Filipe III casado com uma irmã de D. Pedro?

Isso também, mas há uma orientação seguida pelo rei de França que aponta para a união dos reinos da Europa sob a mesma cabeça coroada

Não será ambição a mais?

Pode ser, mas tudo está encaminhado. Em Castela, Filipe apoia os sucessores de Fernando de La Cerda; com o acordo, há

anos, para o próximo casamento do filho com a herdeira de Navarra, terá o controlo desse reino como já tem o de Champagne; na Sicília combate as hostes de Aragão. Que mais queres?

E até aqui vem exercitar a ousadia de tentar enfraquecer D. Pedro

Ora aí tens... Só não contava que tais medidas lhe esvaziassem tanto os cofres, que precisa cobiçar tudo quanto é tesouro, até as reservas do Templo

Então os movimentos todos não passam de casos de rapina, afinal

Assim parece, e contudo falamos de um rei bem visto na Cristandade

Qual quê? Os monges guerreiros estão ao lado do pai de D. Isabel, tanto por aqui como nas costas da Sicília, em oposição a Filipe, à Santa Sé e à causa de Carlos de Anjou

Mas não está o papa

Será que D. Pedro não poderia responder melhor que D. Dinis ao apelo da mensagem do tio Ángel?

Não... concentrado nas costas da Calábria, nos portos da Itália, como havia de atender a outra frente de batalha, esta tão mal definida?

E o quase enforcamento de Ramon de Barbaré, há um mês, tem a ver com tudo isto, tio Juan?

Só pode ter. Atacá-lo foi uma forma de causar instabilidade, às portas de um acontecimento tão importante como o casamento de hoje

Mas ele é alguém especial?

Ramon é descendente de cátaros acolhidos em Aragão, gente que um dia apedrejou famílias dos antigos inquisidores de França que aqui se deslocaram

E daí? Um cátaro é também Guilherme de Nogaret, próximo do rei de França, designado para guarda selos do herdeiro, dizem

Descendente, mas muito contrário às convicções religiosas dos avós. Um homem sem escrúpulos, capaz de tudo. Ramon anunciava a cerimónia de hoje, a mando do mestre provincial. Quiseram ligar passado e presente. Mas a vítima podia ser um de nós, ou até alguém próximo da família real

Afinal o que se prevê, para o futuro?

Ángel diz que, para garantir a sobrevivência da ordem, será inevitável a dispersão dos membros. O certo é começar já a sondar que poderes lhes darão acolhimento

Mas D. Dinis... porquê ele?

É sábio, com talento para a governação. Endireitou o batel do reino encajado à morte do pai. Talvez lhe seja favorável o retorno da ajuda que vier a dar...

Falais dos recursos materiais da ordem?

Desses e de um património de saberes, invejável para qualquer poder

De que mais falais, afinal?

Não to poderia dizer sem grande margem de erro

O tio Ángel corre perigo?

Corremos todos. Ele por ser monge da ordem, eu tu e Soledad por sermos da linhagem de um nobre trovador catalão

E que mal tem ser trovador?

Um dia vais perceber...

E Juan levanta-se, já a manhã avança como onda espraia-da na lisura do céu. A última coisa que queríamos ambos era perder a entrada do cortejo real na basílica. Uns palmos à frente, em trote curto, amanso o sangue há pouco agitado por um estranho temor. Não por meu tio. Afinal não passa de um

goliardo, só ameaça com umas cantigas de escárnio. Soledad também não me dá cuidado. Ser aia de D. Constança, depois da infanta D. Isabel, não lhe confere poder que afronte ninguém, de tudo sabendo um pouco. Eu não estorvo. Mais não sou do que uma haste tenra, vou para onde o vento me levar.

Agora... com meu tio Ángel é diferente. Letrado, arguto, ambicioso. Tudo sabe dos segredos de D. Jaime I, pelas leituras das crónicas que ficaram, e D. Jaime foi criado numa casa templária, a mesma onde meu tio tem peso. Dizem que só ele sabe onde estão os tesouros mais valiosos da ordem, na Catalunha. Além disso é estimado pelo mestre provincial, pelo grão mestre em França, pela nobreza companheira de armas dos monges guerreiros. E por fim é tido em alta conta pela coroa de Aragão, em retribuição de tanta fidelidade.

Chegamos. No largo da catedral, apinhado de gente, mulheres e rapazes enxotam galinhas e gansos atrevidos. Depois precipitam-se para a entrada da Carrer dos Condes, mal as trombetas anunciam o cortejo saído da Plaça del Palau. Em breve o avistamos em marcha muito lenta, por causa de velhos arcediagos e bispos das cidades mais importantes dos reinos em redor, já trôpegos, a medir cada passada.

Por nada perderia este espectáculo, dois quadrados de gente com trinta e cinco palmos de lado, guardados por cavaleiros montados em animais de cabeçada de ouro e prata, nas margens exteriores. O lado do meio é comum às duas formações. Composto por uma fila de arcebispos das dioceses vizinhas, clero mais importante, antecede o pálido dourado que alberga, sob o tecto de seda com as armas de Aragão e Portugal, os membros da família real, os confesores particulares. D. Isabel vem ao centro, de olhos postos no chão, toda vestida

de azul pálido e véu branco, cingido com coroa discreta. Logo atrás vêm damas, donzelas da corte, atrás delas a nobreza principal sob a mesma coroa, cavaleiros e convidados de outros reinos vizinhos.

É um luzir de pedras e brilho de trajes que ofusca os meus olhos de quase vagabundo. Bela, toda esta pompa, que nem assim diminui meu desejo de regressar a Penedès, às sextas na choça quando o tempo aquece, ao abrigo das paredes de pedra quando chove e o cheiro de pão cozido entra pelos sentidos, acalmando a fome. Isso farei daqui a nada, no fim da cerimónia, garantida a bênção da minha única tia. Deve estar morta por me ver pelas costas, centrada na viagem para Zaragoza com a sua pequena infanta.

VI

*Non poss' u vos non vejo
viver, ben o creede*

Comovente, o silêncio na catedral de Barcelona de planta quadrangular, já preparada para despir velhos trajes e vestir a majestade do gótico. D. Isabel profere a fórmula de aceitação com voz firme, olhos baixos como quase sempre, postos num lugar indefinido. Desmente os apenas doze anos na altura, na perfeição de formas, na determinação com que repete as palavras decoradas nas últimas semanas

Ego Helisabeth fillia excellentis domini Petri del gratia Illustris Regis Aragonie tredo corpus meum in uxorem legitimam domino Dionisio dei gratia Regis Portugalie et Algarbi...

É uma cerimónia breve, não dispensa as bênçãos numa igreja do reino de acolhimento. Mas cá fora o povo chama pela nova rainha, acotovelando os guardas reais para se apinhar no portal. Alguns vêm de fora, pelas ruas novas rasgadas nas muralhas, à espera de uma migalha de grandeza que lhes dê sentido aos dias, sempre iguais. Os guardas continuam a resistir. Só a muito custo o cortejo consegue abrir caminho à passagem da infanta, de olhos baixos ainda, guardada por suas damas.

Lugar de destaque para a irmã bastarda D. Beatriz, casada com o duque de Cardona. Ainda perto do coração deve estar D. Vataça Láscaris, filha do conde de Ventigmília e de D. Irene Lascarina. Têm sido criadas juntas, desde que a dama grega de Niceia veio com os filhos para voltar a casar na Catalunha. D. Prisca é uma fidalga aragonesa, já noiva de um cavaleiro por-

tuguês. Está indicada como camareira mor de D. Isabel. Depois vem a colaça, talvez aia principal, a Marquesa Rodrigues, a quem cabe escolher damas e donzelas portuguesas para criadas e camareiras. Diferente é minha tia. De linhagem inferior, remete-se a segundo plano, como lhe compete, a segurar com mãos ambas a orla do vestido da noiva. Fazem agora a Carrer dos Condes em sentido inverso até ao palácio, onde a boda começa a ser servida no Salão dos Arcos Românicos.

Ainda envolvido por um deslumbre novo, a repartir o tempo pelas salas e pela copa, não me escapa quando os reis de Aragão e Catalunha sobem com a filha. Os tempos são conturbados, as oportunidades para assuntos de família têm escasseado. Talvez esta conversa viesse sendo adiada desde que se espalharam os rumores da guerra civil em Castela. Ficam uma meia hora no andar de cima, depois acabam por descer sozinhos. D. Isabel deve ter invocado necessidade de repouso, um tempo para meditar na nova condição.

Daí a pouco sou directamente abordado por um escudeiro. Traz ordens de minha tia para eu subir um instante. Nessa altura repito o percurso de horas antes, agora senhor de mim. Apto a dosear a força dos nós dos dedos, pronto para bater na grossa porta, detenho-me já de braço erguido e punho fechado, quando ouço o chamamento que vem do interior. Soledad presente tudo, até as patas silenciosas de um gato. Deve ter ouvido o som das minhas calçaduras de couro na pedra, porque me convida a entrar com voz de repente adocicada

Não tenhas medo, vem...

E já quando empurro a porta e meu rosto aflora, no limar
Estás a ouvir...? Faz a vénia à nossa rainha

Depois para D. Isabel

É o tal meu sobrinho, senhora, filho de minha irmã Constança que Deus levou há anos. Não é tão tolo como parece... Sabe discernir, tem qualidades para levar uma mensagem sem lhe devassar o conteúdo

Esta alusão dá a medida das apreensões de minha tia, a ânsia de obter pronta resposta ao pedido de Ángel. Mas se D. Isabel entende o apelo velado, finge nem sequer notar, movida pelo bom senso de não tomar atitude enquanto não falar com D. Dinis. Acolhe-me com doçura

Deixa-o falar, Soledad

E na minha direcção uns passos

Chega mais perto de mim. Como te chamas?

Javier de Cardena, senhora minha

Gostarias de servir os reis, meus pais e senhores, em Zaragoza?

Seria subida honra, se algum préstimo tivesse, mas como vos dirá minha tia, nada mais sei fazer do que carregar fardos, levar e trazer mensagens

Acontece com todos... Antes de aturada vontade, nada sabemos que valha. No paço não faltam jardins, hortos para mondar e regar, campos de pão e silos, cavaliças e bestas

Aqui meu coração dá um salto... Os cavalos, tratar deles... meu sonho desde criança. Ajoelho diante daquela que dizem ser a formosa D. Isabel, mais nova do que eu três anos, menos bela do que as vozes populares fazem crer. Ao mandar que me levante encara-me mais de perto, e nesse momento reparo no ligeiro desvio do olho esquerdo rumo ao centro, já falado por meus tios. Mas tem um sorriso tão doce que se torna formosa como quer o povo, sem distância de realeza ou ponta de altivez, só firmeza no contacto. E nem me embaraço quando pronto lhe respondo

Meu fito é poder tratar cavalos, melhor ainda se puder montar um de bom porte, algum dia. Se me for concedida tal mercê, será mais do que sonhei, senhora D. Isabel

Pois montarás um ginete mais cedo do que julgavas. Mas antes seguirás perto de nós, talvez em cima de uma mula, na viagem até ao paço de Aljaferia. Teu primeiro zelo será para com as carências de minha montada, está bem assim?

De outro modo melhor não estaria, minha rainha

Ri com gosto por eu lhe chamar assim. Nessa altura minha tia avança, para se me dirigir em modos tais, que logo reduz a intensidade do meu contentamento

Aproveita esta bênção da nossa rainha, toleirão. Por aí, como agora, nada mais te resta de seguro a não ser um burrico, uma cítara e um alforge

E D. Isabel divertida

Não precisas meter a cítara no alforge... E trata de dormir cedo. Antes do romper da alva partiremos para Zaragoza

Vou-me dali à procura de meu tio, para lhe confiar a mudança da sorte, enquanto Soledad pede que chispe, com uma inclinação de cabeça. Talvez precise de tempo para repisar o assunto de Ángel, buscando forma de lhe levar notícias para trazer algum aditamento às que ele enviara cedo.

Venho encontrar Juan à janela da cozinha que dá para o varandim dos claustros, a trovar como é seu jeito. Não são versos cortesões, denunciam manhas e vaidades de clérigos que servem senhores de fora, enquanto beijam as mãos aos do reino. *Não poucos cuidam das almas com os bolsos cheios, sem vergonha de espiar em terra alheia...* Esta é a sentença de Juan de Cardena y Fole, um goliardo de grande descaramento, que por acaso é meu tio.

Não sei em que ínfima fracção de tempo se gera a tormenta, levantada por prelados com excesso de zelo. Mal percebo o que se passa, está Juan a escapar-se para o átrio de serviço, a galgar as escadas da porta virada para o pátio, para desatar a correr rua abaixo, colado à parede das cavalariças. Grita-me que o posso encontrar no lugar de sempre, garantindo que ficará bem em companhia da Virgem da Alegria. E voltado para trás um instante, acena-me sorridente, para me dar confiança. Porém meu coração não pára, açoitado de forma inquieta por uma angústia latente.

Depois chega minha tia. Inteirada dos pormenores do triste episódio, segreda-me que estou protegido por agora, mas que não procure Juan tão depressa. E o episódio encerra com aquela conversa misteriosa entre D. Isabel e o mestre dos trovadores, D. Aimeric d'Ébrard, antigo prelado da Aquitânia, professor de D. Dinis quando ele era infante, agora bispo de Coimbra. Falam de um certo Bertrand de Gott, arcebispo de Bordéus, ali pela gente de França. Era ele que meu tio acabava de acusar.

Quase toda a noite é um desassossego. Afinal o tal prelado é o mesmo que me inquiriu no claustro... Só quando adivinho que o dia vai amanhecer, gélido mas ensolarado, consigo desfrutar do conforto das mantas negras, antecipando o calor do capote surrado para fazer a viagem até Zaragoza, capital de Aragão. Pena é o sono acomodar-se à sensação de aconchego e tomar profundamente as últimas horas da madrugada. Já é tarde quando dou pelo chocalhar dos guizos dos animais de leite, nos currais ali perto, pelos cascos das bestas na laje da Carrer dos Condes.

Só há tempo de correr ao pátio, puxar o balde da cisterna, passar água gelada pelo rosto. Depois venho cuidar da taleiga com roupa lavada, fornecida por Soledad, antes de ir à cozinha do tamanho da maior casa que já vi, comer um resto de assado em cima de um naco de pão divino. De novo ninguém me estranha a presença, antes me estendem um vaso de barro com gemada. E como se eu fosse um servidor da casa, ainda perguntam se quero mais um pedaço de carne para o caminho. Boa vida me espera.

Chega a hora da nossa infanta descer com a família, corte de Aragão, clérigos confessores e ouvidores reais. Os enviados de Portugal conversam a um canto com Beltrán de Vila Franca e Bernat de Sarria, privado de D. Pedro III. Um deles é João Pires Velho, embaixador e conselheiro de D. Dinis. O outro é João Martins, trovador, casado com uma dona se não me engano já escolhida para dama de D. Isabel. O terceiro é o procurador Vasco Pires. Pelo que dizem, todos têm o costume de trovar, como D. Dinis, não é só João Martins.

Beltrán de Vila Franca quer saber da geografia de Óbidos, das rendas das outras vilas doadas à noiva. Fala dos burgos que estão à cabeça da *Casa da Rainha*, constantes do contrato de casamento descrito no documento *propter nuptias*, que ele mesmo foi celebrar o ano passado com D. Dinis, em representação do rei de Aragão. Quando Bernard de Sarria e Beltrán de Vila Franca se afastam, o embaixador comenta com o procurador

É mesmo estrábica, a noiva... como irá El Rei reagir?

El Rei?... Pois se já tinha adivinhado pelo retrato

De que retrato falais?

Daquele muito bem apostado que D. Pedro lhe mandava, quando se negociava o casamento

Achais então que D. Dinis reparou?

Tenho a certeza... os olhos baixos da infanta não enganavam ninguém. Mas sabeis como o decoro do rei jamais ousaria comentar

Rodam agora o espaço com os olhos, à procura de D. João Martins. Já não se avista em lugar nenhum. Os criados que vão à procura também não sabem. É Beltrán de Vila Franca quem dá novas, quando volta

D. João teve de sair à pressa com o bispo de Coimbra, para com ele tomar parte numa audiência com os mais importantes membros do clero, em Tarragona

Então não regressa connosco?

Parece que de lá seguirão para Portugal. Pelo menos foi o que mandou dizer D. Aimeric, que teve de aproveitar a companhia do bispo de Huesca

VII

*Nun poss'eu, meu amigo
com vossa soidade
viver, bem vo-lo digo...*

Depois de algumas paragens para breves descansos, as bestas caminham devagar, ao ritmo da natureza. Ouvimos cantar os pássaros sobre um leve rumor de fontes, depois nas terras mais altas de quase duzentos metros, o passar da brisa como voz amena a soprar aos ouvidos. De novo mais abaixo o refrão dos campos do vale do Ebro já tratados, a saudarem o sol à vista da linha fortificada da antiga Caesar Augusta. Foi ela a capital do limite superior do Andaluz, depois o primeiro reino independente de Taifas, antes de ser a nossa Zaragoza abençoada.

Atravessamos a ponte de pedra, até à praça da catedral de tijolo e revestimento cerâmico, La Seo, vai meio o dia. Tão próxima de casa D. Isabel recusa-se a parar, agora. Então viramos à direita, até à via César Augusto, para tomar o caminho do paço real de Aljaferia. Já o tinha avistado muitas vezes, uma delas quando meu tio Ángel me trouxe dos montes, órfão recente, a ver Soledad, ao serviço da rainha Constança, mãe de D. Isabel. Nunca antes me parecera tão imponente. É uma magnífica estrutura, a brilhar na margem esquerda do rio, seus grandes torreões encimados por ameias, como coroas reais. Fixo a Torre do Trovador com olhos cerrados, já um atalaia grita para dentro para baixarem a ponte levadiça, no lado oriental.

O cortejo passa o fosso, direito à porta sob um arco em ferradura. À medida que vão dispersando os cavaleiros apeados, a família real com sua comitiva recebe as boas vindas dos servidores do paço, D. Isabel hoje mais acarinhada. Pa-jens conduzem os nobres ao recinto onde se vai construir a igreja de San Martin, os criados acomodam bestas e serventes nas cocheiras e anexos. Dali alguns de nós alcançam o outro pátio interior, chamado de D. Isabel, com pórticos rasgados nos lados mais baixos da planta. À direita ficam os cómodos de criados e religiosos menores, talvez o meu próprio quarto partilhado com alguém que ainda desconheço.

Antes de estender o corpo numa enxerga, meus olhos são atraídos para a formosura de um nicho em ábside, um recanto da antiga mesquita muçulmana virado para Meca, donde era costume chamar os fiéis do palácio à oração. Bela, a decoração elaborada com capitéis de alabastro. Mantê-la tão bem conservada até agora, só confirma a tolerância religiosa dos reis de Aragão, desde D. Jaime I. Não fora a família real, acompanhada dos convidados mais importantes, começar a subir a bela escadaria para ocidente, ali ficaria perdido em recantos do passado, poderosas alavancas de futuro.

Gosto de cozinhas, esta soberba, para saciar a fome, a sede dos caminhos. Atravesso átrios, arcadas, belos corredores sob os claustros deste magnífico paço, à espera de ordens de D. Isabel, pela boca de Soledad. Como não há sinal dela até ao cair da noite, exploro recantos interiores não vedados, depois pátios refrescados por alvercas e aroma de laranjeiras, entre canteiros de rosmaninho dispostos com elegância. Respiro um ar sublime, a alma apaziguada. E no entanto a lembrança de Juan atravessa essa paz com silvos intermitentes, como se

não pudesse gozar o descanso enquanto o não souber num mergulho invertido nas estrelas, deitado na austera maciez da choça.

No outro dia acordamos com trombetas, anúncio de verdadeira festa no paço e entre os muros da cidade. À noite bufões, trovadores, mesterais, segréis, repetem lá fora a viva animação vivida entre as grossas paredes de Aljaferia, durante uma semana inteira, com bodo ao povo e esmolos aos pobres.

Aqui passamos dois meses na paz dos anjos, apesar de se espalhar a confusão por Castela, à conta da guerra da sucessão. De um lado D. Sancho, usurpador da coroa ao filho do irmão mais velho, já morto. Do outro lado o pai, Afonso X, que designara o neto para sucessor. Afonso é avô materno do rei de Portugal, casado em segundas núpcias com uma irmã do pai de D. Isabel. Não é recomendável, ainda, a viagem para ocidente. Atravessar terras de ânimos acesos, podia fazer perigar o séquito.

Entretanto as tropas de D. Pedro III, na Sicília, chefiadas por Conrado Lanza, alcançam grandes vitórias contra as de Carlos de Anjou. O rei de Aragão vibra de tal modo que acaba por considerar uma aproximação ao campo das operações. E numa das noites mais tristes desta estadia agradável, anuncia a partida e despede-se da filha. Toma o rumo de El Joll, na África, a pretexto de ir ajudar o rei Abu Beer. A verdade é que aguarda mais de perto um chamamento certo da sua gente, na Sicília.

Falava eu de paz dos anjos. Isso até chegar aquela triste notícia da morte de Juan de Cardeña por apedrejamento, a três léguas de Santes Creus, na antevéspera da partida para Portugal. Até a organização do tempo de D. Isabel sofre grave

alteração. Deixa o cuidado das rosas pela manhã, as lições de língua portuguesa pelas tardes, e não descansa enquanto não vê satisfeitos seus rogos aos irmãos mais velhos, para que obtenham do clero local, ainda reticente, a ordem para ser dado enterramento cristão ao irmão de sua aia.

Nessa altura revejo meu tio Ángel. Com os monges de Monzón, os bispos de Zaragoza e Huesca, com Soledad e uns poucos servidores dos paços reais, lá vou ajudar a cavar a sepultura sob o carvalho mais frondoso, como pedia Juan, entre a casa de pedra e a choça de Vilafranca del Penedès. Nem flores nem lamentos. Tapamos a campa com pedras maneiras, colocamos à cabeceira uma cruz de madeira tosca, desfazemos os torrões maiores para alisar a última cama. O único luxo é a pequena lápide inclinada a meio do comprimento, oferta de D. Isabel, com os dizeres de *O Livro da Sabedoria* por ela mesma escolhidos: *Os sentidos são de Deus*. E nada mais, só meus soluços de varão que ainda não aprendeu a domesticar sentimentos.

Essa noite não consigo dormir. Encostado às portadas da janela imagino-me um ramo de arbusto viçoso, derrubado por um vento quente. O vento é a dor da ausência de Juan, irreverente olhar sobre coisas e gentes, a farejar à noite os sons da natureza. Quando eu me anunciava cozia o pão de castanhas, a bolacha estaladiça de trigo negro e azeite, preparava o coalho de leite fervido excedentário dos queijos. E apresentava-me frescos os manjares, como pai ansioso à espera do filho pródigo. Nunca, nunca mais verei meu tio saborear com o sorriso a minha sofreguidão.

Um dia peço permissão para ir até Barcelona, com saudades das charnecas, da casa da viúva em Santa Margarida els

Monjos. Penso até avançar mais, talvez à beira do mar aspirar aquele ar salino que tanto me apaixona. Chego à casa pela calada da noite, onde a viúva, pouco mais velha do que eu, me espera ansiosa desde que mandei o aviso. Maga extasiada, oferece-me a minha primeira experiência adulta, como se tivesse guardado os segredos agridoces do amor para uma ocasião especial, a ocasião do retorno. Mal sabe que, daí a poucos dias, partirei para sempre.

Embriagar por embriagar, atrevo-me quase madrugada a fazer o que me anda na mona há dois anos, vencer o resto da distância até ao cais, que acolhe gentes de todas as latitudes. O porto está calmo. Só as águas repetem o monótono lamento contra o costado dos barcos. Depois de vaguear entre destroços de caixas, entro numa taberna da cidade, de seis por oito côvados de área, quase vazia a esta hora. Três ou quatro maltrapilhos, ninguém, a roncar no canto mais abrigado, uma mulher de rosto macerado a dormir num banco, encostada a uma trave levantada contra o tecto. Meio adormecido também, já depois de beber mais uma tagra, penso nas reviravoltas da vida quando oiço ao longe aquela voz pastosa de surrapa, num linguajar meio desconhecido

Não é ele o sobrinho do frade e do outro?

E desata a rir medonho, contagiando os vagabundos que o acompanham. Um deles, com uma faca mal afiada na mão dextra, segura-me pelos cabelos com a esquerda, obrigando-me a levantar do banco com o pescoço encolhido de dor

Que tal ficariam estas fuças se lhe fizéssemos o mesmo?

Sinto a barriga a resmungar, nem sei se borro as pantalonas. E quase a vomitar restos de vinho e jantar, atrevo-me a fazer pela sorte, a pensar que às tantas é o meu fim

Eu não vos fiz mal nenhum, deixem-me em paz. Estou ao serviço da rainha D. Isabel

E depois? O nosso senhor há de tomar estas terras, e todos vocês hão de rastejar

Deixem-me, pela Virgem do Pilar. Eu nada fiz

Mas fez o teu tio monge, que gosta de adorar cabeças feias como as de um bode. Se calhar nem ele sabe que foi por isso que morreu o da viola, feito em pasta de salmoura

Nessa altura um tacho salvador na cabeça do imundo, a distracção dos outros, valem-me a fuga. Ouço gritaria de mulher, decerto a pobre que me salvou a levar tunda, enquanto arranco a tremer das pernas até ao cavalo. Atabalhoado, sem encontrar as pontas da arreata, enfio por caminhos de cabras, a cavalgar até o coração saltar do peito. Já perto de Penedès meto-me numa loja entre dornas e arcas de sal, depois cavalgo de novo até uma elevação onde fico acaçapado, entre as moitas.

Nem sei se sonhei. Quando a madrugada começa a clarear, ainda me cerca a teia protectora de filamentos de estrelas, a derreterem como ouro à medida que o sol anuncia a chegada ao trono.

Em Aljaferia nada conto, apavorado de medo. Seriam de Navarra? Nem quero crer, gente tão boa. Mas diziam *nosso senhor* com a certeza da fé, o destemor da razão. Só que nem uma nem outra poderiam justificar a morte bárbara de meu tio, que de mau nada tinha, a não ser o feitio. Depois é a madrugada com despedidas chorosas, D. Isabel em abraços à mãe e aos três irmãos menores. Perto de mim alguém comenta baixinho, que a portuguesa saudade já começa a ganhar campo no peito da princesa de Aragão.

Para carregar enxoval, livros, jóias, a rica baixela de prata, aparece um bando de escravos de pele tisonada, mãos calosas, ordeiros como formigas. Não faltam por Aragão, onde a condição servil vem perigando à medida que os ricos senhores aumentam a corte privada. Não é tanto em Barcelona, invadida por homens livres que todos os dias arribam ao porto de mar e oferecem trabalho qualificado. Trocas económicas e diversidade de gente de diferentes culturas, favorecem o crescimento de uma sociedade de mente mais arejada, capaz de fomentar agitação social inevitável, se os opressores esticarem muito a corda.

Os chefes da comitiva de clérigos são os bispos de Lérida e Huesca, D. Pedro de Ayerbe e D. Jaime Sarroca, irmãos naturais do rei de Aragão, ajudados pelo confessor da nova rainha, D. Pero Julianes. Depois a liderar os nobres estão os irmãos legítimos mais velhos de D. Isabel, D. Afonso e D. Jaime. Atrás seguem o irmão bastardo, o clérigo D. Sancho, o cunhado e a irmã natural, D. Raimundo e D. Beatriz de Cardona, o filho de ambos, Guiherme, e as filhas, uma delas já donzela da tia. Vigilantes ainda os cavaleiros fidalgos que protegem D. Isabel, composta num lindo palafrém, rodeada de suas damas e futuras camareiras. Toda esta gente vai constituir o núcleo privado da chancelaria da rainha, em Portugal.

Sigo a distância prudente, não muito longe. Depois de aprender em Aljaferia a lidar com os estribos das bestas, vigio o animal que leva D. Isabel, ao lado do pajem Pedro do Sem. Sinto-me como qualquer fidalgo, montado no meu cavalo berbere, de pelo luzidio escovado de madrugada. Perto de mim segue um trovador que não conheço, a não ser de me ter olhado com insistência quando atravessei o Salão do

Trono em Barcelona, no dia do casamento. D. Constança de Hoenstaufen segredou-lhe alguma coisa à hora da partida, como se o conhecesse de longa data ou lhe entregasse uma missão especial, confiando num retorno satisfatório. Gosto dele. Sem margem para desconfianças, retribuo com simpatia.

Estamos a umas léguas da fronteira entre Aragão e Castela, contando parar na próxima hospedaria. Depois de Tarazona descemos a Veruela para tomar o rumo do convento. É preciso dar abrigo a D. Isabel e às damas, embora todos precisemos descansar. À vista do casario, sem ninguém contar, os dois irmãos legítimos dão meia volta. Nenhuma palavra de despedida, nenhum aceno, assim pedira ela ainda no paço de Aljaferia. Não queria lágrimas, ao enfrentar as últimas etapas até à hora de encarar o novo destino.

É um momento estranho. Devia ser de júbilo pelo significado, mas todos nós sentimos o coração apertado. Não sei porquê, de repente ligo à tristeza da cena, a ressonância do brutal acontecimento que me levou mais um membro da minha escassa família. De muito longe chegam-me as palavras de Juan, a dureza com que mascarava uma ternura de pai. E mais de perto o discurso entre D. Isabel e D. Pedro, na véspera da viagem dele para África

Tendes que partir, senhor?

Assim parece, para assumir a herança de tua mãe, Isabel

Isso é que foi gostar de uma infanta sem dote, meu pai

Sabia da beleza, da nobreza dela, e tanto me bastava. E como vês não lhe faltava dote, acaba por ser a única herdeira das duas Sicílias. Mas... e tu, quase a caminho de outro reino, uma nova moradia?

*Meu reino será sempre Aragão, minha moradia mais querida
Aljaferia, em Zaragoza*

*Em breve estarás rendida a outra terra que dizem não menos
bela, esquecida de teus parentes, de devaneios de infância, verás*

*Falais de meu romance de criança com Jaime de Los Cameros,
meu primo?*

D. Pedro sorri. Romance é palavra desajustada para um
breve encantamento de infantes

Será ele a levar-te de Castela a Portugal, sabias?

*Bem sei, não vos enfadeis com o que possa sentir por ele. Já
consegui aprender tudo sobre deveres, até a recalcar memórias de
coisas antigas*

*Todos nós deitamos no tempo o que não deve ser acordado,
Isabel, até a tristeza falar mais alto e perturbar esse descanso. Cui-
dado...*

Vou tentar remediar, caso não seja feliz, senhor

E mal termino meus pensamentos alcançamos a fron-
teira, onde esperam os cavaleiros de D. Jaime. Talvez seja o
mais bem apostado dos filhos de D. Afonso X e D. Violante,
tia paterna de D. Isabel. Foi o último a nascer, é o primeiro
no afecto da prima e dos irmãos. Apeia-se ele adiantado de
seus homens. De joelho em terra saúdam agora todos a nova
rainha de Portugal, ligeiramente corada. Depois D. Sancho
de Aragão, filho bastardo de D. Pedro III e também primo,
dirige-se-lhe com alguma gravidade

Cuidado daqui em diante... Confio-te uma jóia preciosa

*Sei quanto vale. Isabel será entregue sã e salva à gente do rei de
Portugal. Vai em paz*

Viramos o rosto para o lado, por pudor, quando a rainha
abraça e faz as despedidas do irmão natural. E assim nos que-

damos enquanto os cavalos se afastam a galope bravo, rumo aos campos de Aragão, para a deixar esconder o resto da tristeza. Quando voltamos a encará-la parece outra, cedo se recompõe como verdadeira rainha preparada para perdas. E de que outro modo havia de ser, se a julgar pelo que diziam no castelo de Monzón, muitas lágrimas a esperam, ainda, ao longo de um percurso desconhecido?

Descansamos de novo em Ágreda, já depois da raia, para tomar alento para jornadas compridas. Uma delas até Peñafiel, depois até à velha hospedaria de Tordesilhas. D. Jaime de los Cameros deixa o grosso dos homens, para seguir o séquito até ao castelo onde esbanja a última ternura com a prima. Dizem que se enamorou dela quando conversaram pela primeira vez, apesar de muitas outras a ter visto debruçada sobre as rosas, nos jardins de Aljaferia. Antes nada o prendia a uma donzela a quem o desvio do olho esquerdo por certo não dava luz. E no entanto as feições eram correctas, o corpo tinha harmonia de formas.

Mas bastou aquela tarde, pequenos diálogos sobre as coisa do mundo. Mediu-lhe a sensatez, a cultura superior para tão pouca idade. Certo de não haver outra mais prendada e inteligente, trocou nessa altura umas palavras com o avô de ambos, a ver se ainda podia concertar com ela casamento. Não podia. Isabel estava destinada a um rei que podia ter sido o outro primo, Filipe IV de França, ou o herdeiro de Inglaterra. Por decisão de D. Pedro III seria D. Dinis, o rei de Portugal. Já governava, era o mais culto da Europa, ainda brilhante na acção. Uma aliança honrosa para o destino de ambos os reinos. Isso determinou a sorte de uma infanta bem nascida.

Apesar de ser uma viagem de apartamento, a noite é de satisfação. D. Jaime desaparece uns instantes, quando os trovadores calam as cítaras. Depois volta sorridente, o criado mouro atrás com um embrulho húmido, feito de pano pardo e fios de esparto

Minha prenda Isabel. São pés de roseira rara que florescem em pétalas de um vermelho negro, como o sangue coalhado

Ela abre um sorriso luminoso

De onde vieram, afinal?

De Maiorca, mas dizem-nas naturais do Oriente Médio

Não sabia que as havia por lá

Flores e frutos abundam nos palácios, nos hortos dos rabinos, nos jardins dos califas, não sabias?

Sim, mas rosas...

Também as há... É prenda humilde, só compensada por outra há muito tempo guardada pela rainha de Castela, minha mãe

E D. Jaime de Los Cameros retira uns brincos dourados com pérolas pendentes, de uma caixa de madeira com engastes de prata, presente que a mãe reservara um dia para a sobrinha

São lindos. Que gentil o pensamento de minha tia

Guardou-os para ti quando nasceste, disse ela

Que gesto mais comovente. Mas não me agrada menos esperar o colorido das rosas, uma prenda renovada cada ano

Alegra-me saber que aguardarás a floração, e nessa altura pensarás em mim...

Quem disse que pensarei em ti?

Estava a mofar. Lembrei-me que seriam um pouco do sol de Zaragoza, quando abrissem, isso sim

Serão como o sol de Zaragoza a bater nas aveléiras, tenho a certeza.

E como te sentes, nesta hora?

Feliz pela mercê de um casamento com rei tão digno, triste por me apartar dos meus, de quem já sinto saudades

Não é estranho que teu esposo, por isso agora meu primo, seja ao mesmo tempo meu sobrinho, porque filho da minha irmã bastarda, neto de meu pai?

Há muito que desisti de considerar as confusas relações de parentesco entre as linhagens reais

E riem com prazer olhando-se bem de frente. Será a última vez. Por respeito nem D. Jaime faz perguntas sobre política real, nem D. Isabel faz revelações sobre os últimos acontecimentos. A mensagem de Monzón, a morte de meu tio, talvez ligadas ao destino dos templários, as ambições de França na Península ou na Sicília, nada transparece agora, no momento da despedida. A não ser o afecto que sempre os ligará, apesar da distância geográfica, da política dos reinos, da condição de cada um.

D. Isabel procura saber se a hora vai adiantada. Que sim, diz um dos embaixadores portugueses, até aí discretamente sentados nos bancos de madeira, junto ao lume. Nessa altura retira-se para descansar umas horas e sugere-lhes que façam o mesmo. Precisam de forças para o resto da viagem.

Quando no outro dia nos levantamos ainda madrugada, já D. Jaime se afasta a galope com um grupo de homens. Nessa altura sinto um arrepio pelo corpo, como se a consciência da separação só agora fosse plena. Deixa cavaleiros seus, meia centena de braços armados, para seguirem com o cortejo por Ricobayo, até Alcañices e fronteira com Portugal. Quem agora assume o comando são os embaixadores portugueses, os clé-

rigos que seguem para assistir à cerimónia, o tal cavaleiro que me dedica afecto, no sorriso.

Temos paragens definidas, para poupar D. Isabel a fadigas maiores, apesar de bastas vezes transferida da liteira para uma das mulas com as andas bem ajustadas ao dorso. Recapitulando os burgos principais, de Zaragoza viemos a Tarazona, antes de Soria, daí às planícies de Valladolid deixando para trás Aranda e Peñafiel, agora seguimos para terras de Zamora. À noite ficamos na hospedaria da fortaleza a ver se chegamos frescos, no dia seguinte, à linha de fronteira, fazendo a rota mais segura indicada por D. Jaime. Antes de adormecer a rainha confia os temores à companheira de infância, descendente dos reis de Bizâncio

Como vai ele receber-me, Vataça?

Bem... como havia de ser?

Talvez D. Isabel não tenha tanta certeza. O primo, conversando um dia com outro membro da família real, desenhou-a com palavras que lhe chegaram aos ouvidos

Bela de rosto não é, mas de corpo é uma escultura... Tetas firmes, largos quadris bem torneados, uma voz aveludada e quente

Daí que seus olhos procurem, junto às frestas do quarto, um caminho entre as estrelas até uma resposta desejada, compromisso entre a consciência de não se sentir formosa, e a segurança de saber-se culta e prendada.

Atravessamos a fronteira. Tomamos o caminho de Bragança com a manhã a romper. Claros raios de sol avivam o azul do céu, a ramagem para cá do burgo. E um aroma de pão cozido vem até nós por carreiros de fumo, que se vão alongando em suaves curvas, soprados pela brisa.

VIII

*Vou m' a la bailia
que fazen en vila do
amor...*

Um ajuntamento de cavaleiros, que a princípio penso ser a comitiva do rei, espera-nos à entrada do castelo, onde vestem de panos dourados um paço menos nobre do que os nossos. D. Vasco Pires desfaz o meu engano e o da rainha.

Não, senhora, não é o rei... Quem lidera o grupo de acolhimento é o infante D. Afonso, vosso cunhado.

A revelação desconcerta-nos a ambos, eu calado como cabe a um servo quando a rainha apura mais informação.

Mas não estava ele desavindo com o rei, D. Vasco?

Isso foi o ano passado, senhora, por causa da sucessão

Bem sei, só não entendo porque se julgava com direito ao trono, sendo mais novo

Invocava ser o primeiro a nascer depois de regulada a união de D. Afonso III com D. Beatriz de Guillén

Então quando D. Dinis nasceu, ainda se não desfizera o casamento do pai com a condessa de Bolonha?

É como dizeis, só cinco anos depois a Santa Sé concedeu a anulação

E aquele ancião ao lado do infante?

D. Nuno Martins de Chacim, antigo aio de El Rei

Nesta altura aproxima-se o infante. É de grande estatura, barbas negras, em cumprimentos de cordialidade irónica, mal encara D. Isabel

Salve, senhora. Estou aqui em nome de nosso rei, meu irmão e vosso esposo

E ele, onde está ele, D. Afonso?

À espera na vila de Trancoso, onde se vão prolongar os festejos de casamento

Mas Bragança parece-me bela... é terra primeira de Portugal depois desta minha viagem... também fica na rota para Compostela

Intriga-vos que El Rei a não tenha escolhido?

É isso mesmo

Em Trancoso inaugura-se uma feira franca. Depois é comenda da templária, lá se vem construindo, em homenagem a vosso avô, a Igreja de Santa Marinha

Neste momento um sorriso de gratidão ilumina o rosto de D. Isabel. E estende o sorriso na direcção do velho aio, já a desmontar para vir fazer-lhe reverente vénia de joelho em terra. Mal D. Isabel corresponde volta atrás, a pedir um particular com o infante D. Afonso. E feliz pelo assentimento ao que supomos um pedido, acerca-se de novo da rainha, a sugerir-lhe um afastamento da rota que a deixa intrigada

Póvoa Rica, dizeis?

É um desvio pequeno, senhora, para visitar a igreja de S. Facundo

À conta de quê, D. Nuno?

Se me permitis di-lo-ei à vista dela

Montam, de novo, para seguirem uns passos à nossa frente. Saímos da estrada militar romana que liga ainda Braga a Astorga, e enveredamos por córregos demarcados por giesta, para cá dos soutos. As pedras vão-se soltando sob as patas dos animais, entre densas matas e pequenos descampados, às vezes ponteia-

dos por um aglomerado onde penam almas vestidas de surrobeco. E mergulhamos no ventre de outro cerrado, em busca do tal lugar, para lá do rio Tuela, que alcançamos daí a pouco.

É um retalho plano de muralhas recortadas contra o monte Ciradela, onde se recupera o troço da via romana deixado lá atrás, já na linha sul bordejante da serra de Montezinho. Póvoa Rica, a que as gentes chamam Vinhais, a precisar de incentivos para se desenvolver, como sugere D. Isabel numa pergunta delicada

Já tem foral, esta terra?

D. Afonso III concedeu-lho quase há trinta anos, senhora

Pois talvez careça da confirmação de El Rei D. Dinis

O nosso rei acaba de ampliar o castelo

Entramos a porta da muralha. Depois de uma curva chegamos ao largo da igreja, uma construção sem pretensões de grandeza, só com discretos traços do novo estilo que vem explodindo, em requintes de beleza, por outras catedrais da Europa. Mais singela não podia ser, como a pedra despojada. Mas é belo o portal de arco ligeiramente apontado, sob um campanário com dois sinos de pequena dimensão. Ficamos em cima das bestas, enquanto o velho aio e os criados ajudam a rainha a descer do seu assento, ele apontando a fachada com o dedo mirrado, depois as figuras em alto relevo de ambos os lados do portal. Detém-se nas da direita

É costume dizer-se que ali se representa Pai, Filho e Espírito Santo

E achais que assim não é, D. Nuno?

Pois não, senhora D. Isabel, por isso vos trago aqui. Nobres peregrinos amigos de vosso real avô, pediram e pagaram aquela imagem da virgem negra, que ele tanto venerava

Símbolo da fertilidade das terras, da ligação entre as criaturas...

Culto da deusa mãe, venerada também pelos templários

A deusa mãe... O menino segura um livro

O Livro da Sabedoria

Tanto o conheço... E o anjo?

Rafael, o protector dos romeiros

Em memória de meu avô, dizíeis há pouco... Bela lembrança a vossa de me trazerdes aqui. Em Trancoso ou mais a sul vos hei de compensar, D. Nuno

Não carece de compensação meu gesto, senhora. De qualquer modo não conto baixar para além de Trancoso

Não ides connosco até Coimbra?

Pedi a nosso rei que me deixasse ficar em Macedo de Cavaleiros. Aqui foi enterrada a minha linhagem, por aqui hão-de ficar meus herdeiros. Quero seguir de perto a construção do túmulo em Castro de Avelãs

Será como quiserdes, D. Nuno. O nosso contentamento é saber pleno o vosso

Descemos agora a Chacim. Com digna moradia no burgo, o velho aio não quer perder o momento de lá receber D. Isabel. Para isso a criadagem recebeu ordens há uma semana

E porquê esse nome, D. Nuno?

É uma história muito antiga, senhora, nem sei que pontas brilhantes lhe juntaram

Contai assim mesmo, sempre vou sabendo mais dos lugares

Pois isto eram terras mouras, com um rei que do castelo vigiava os escravos cristãos, para que trabalhassem até cair

Sei do que falais... se era ele que governava

Bem sei, senhora. Mas entre os maus costumes, o pior era reclamar o direito à primeira noite, com todas as noivas virgens

Cristãs, já se vê...

Cristãs. Calculais que entre os noivos subjugados fermentava a revolta. Até que um varão de Alfândega conseguiu o apoio dos mais destemidos e foi combater a afronta

Foi derrotado, ou não?

Estava a ser. Como poderia um bando de famintos competir com as hostes do senhor da terra? Jaziam os seus companheiros pelas moitas, retalhados de golpes até que...

É uma história de fé, já vejo

E vedes bem, D. Isabel. Diz o povo que apareceu uma linda senhora montada num burro, com tanto brilho que os do rei mouro tiveram que tapar os olhos enquanto a senhora ali estava e distribuía uns unguentos que trazia, uns goles de água de um odre

E eles levantaram-se, curados

E não é que combateram como bravos guerreiros, até afugentar aquela gente toda?

É uma linda história mas ainda não entendi o nome da terra

Ah, já me esquecia. Pois vem da chacina que os nossos acabaram por fazer, tomando as rédeas do mando

E a senhora, tinha nome?

D. Nuno estaca a montada. Aponta para esquerda a capelinha pequena como um oratório

Ali está a homenagem que lhe fizeram – Nossa Senhora do Bálsamo na Mão

Agora sim, D. Nuno, torna-se mais bela a história que me contaís. Deveis ter orgulho do lugar

Aqui nasceu gente boa. D. Fernando Fernandes Cogominho, em tempos alcaide na cidade para onde haveis de ir, depois de Trancoso. E ainda a minha gente, gente da minha mãe que de Bragança aqui me veio parir

E aponta o paço a precisar de um trato, na fachada

Demanda o reforço, nas empenas, mas lá dentro garanto pelo acolhimento, D. Isabel. Tem como receber-vos por uma ou duas noites

Descansaremos um pouco, D. Nuno, mas D. Afonso tem ordens do rei para ficarmos mais adiante

É uma paragem curta para uma refeição ligeira, para as necessidades das damas. Depois seguimos caminho sempre a subir até à altitude de uns quinhentos metros, fugindo à serra de Bornes, até Póvoa de Além Sabor. D. Isabel pede para se aprear mal vê a fonte romana rodeada de moitas de flores, as pequeninas rosas silvestres a treparem pelos capitéis. Bebe água, apanha braçados de rosas viçosas pela fresquidão do poiso. Depois volta a montar para subir a ladeira em escada, e passar a porta de D. Dinis, na muralha. Ainda pergunta ao cunhado, remetido ao silêncio com as atenções dadas a D. Nuno

Como se chama mesmo o lugar, D. Afonso?

Póvoa de Além Sabor

Não lhe ficaria melhor o nome de Vila Flor?

É tudo uma questão de vontade, senhora

Ficamos uma noite e metade do outro dia. Pela manhã informam a rainha da visita de um judeu, dos muitos que por aqui se instalaram em prósperas actividades. Este é ourives, pai do explorador de uma das minas do precioso metal. Traz uns brincos em forma de mão aberta, que fazem sorrir D. Isabel

Para mim?

Para vós, senhora. Agarraí a felicidade quando ela passar por perto

E porque o dizeis assim, de modo triste?

Porque poucos de nós o sabem fazer. Andamos tão distraídos com vontade de prosperar, que nem vemos o que realmente importa

Vai-se embora, entre vénias e passos atrás, a deitar um olhar estranho a Soledad. Um guarda do castelo diz que o judeu perdeu a mulher e a filha, que nascia atravessada, porque em vez de procurar físico foi tratar de comerciar a mercadoria. Distraída a vê-lo descer a ladeira, D. Isabel nem repara que são horas de encetar a próxima jornada. É minha tia, estes dias muito calada, que vem lembrar que o cortejo espera. E depois mais caminho, nesta aventura por fases, uma lição de História do reino que bem dispensava os livros, digo eu.

Olhamos ainda para trás, antes de entrarmos nas barcas para atravessar o rio Douro. Estamos extasiados com a paleta dos pendores alcandorados entre vinhedos verdes e roxos, invertidos no espelho móvel das águas. Do outro lado repete-se a surpresa da paisagem, com mudas da liteira para a mula, para cavalgar na direcção de S. Pedro de Fraxino, entre florestas de carvalhos e soutos com ouriço de bom tamanho. A beleza do lugar é quase irreal, como se tivesse de repente emergido de um mundo de fábulas, qual ilustração dos raros códices que enchem a biblioteca de Aljaferia. É D. Isabel quem o afirma, já por detrás das seteiras do formoso castelo triangular, com torres quadradas à volta alindadas por discretos merlões. A área é pequena. Mas compensada com a franca altitude, oferece aos olhos curiosos a formosa vastidão do espaço todo em redor.

Começamos a perceber o júbilo do povo português, à medida que nos aproximamos de Trancoso. Em todos os caminhos cerca de povoações agita ramos verdes, nos burgos onde nos detemos organiza-se em cantares de boas vindas, sob arcos engalanados de flores silvestres. Está em festa, bem se vê, por seu rei assumir rainha e desejo de prole legítima. Paramos ainda em zonas ermas, junto de fontes e bosques para provar o ar bom, a água fresca, agasalhados com o franco acolhimento.

D. Isabel não enjeita louvores à formosura da paisagem, ora de montes fragosos, ora de vales ainda verdes de pastos. Horas depois, acabam-se as curvas sinuosas, adivinhando-se a pedra de muralhas novas, lá no alto. Com as mãos em concha sobre os olhos, para evitarmos os últimos raios de sol, distinguimos os contornos das ameias, o castelejo marcando o cuidado do rei com os sistemas defensivos. E depois a porta da entrada imponente, ladeada por espessos torreões

Só pode ser Trancoso alvejando, não é assim, D. Afonso?

É Trancoso, senhora. Dinis mandou lavar a pedra da fortaleza antiga, para não destoar da cinta muralhada que vem construindo

Formosas, as grossas ameias

Vedes o arco? Pois já lhe chamam Arco d'El Rei

Que nome têm aquelas igrejinhas?

Apona os belos modilhões da entrada de uma delas

Nossa Senhora da Fresta, e do outro lado podeis ver a de Santa

Luzia

Mas há gente enfeitando aquela outra mais pequena

Essa é a igreja de S. Bartolomeu, onde sereis abençoados

Contais que seja amanhã?

Amanhã não pode ser, é S. João. A Santa Sé declarou interdição ao culto em dias de festa profana. Dinis trata de ver se consegue

maior independência em relação a Roma, mas por agora são estes os termos do culto

Atravessamos a porta da muralha que conta com quinze torres e cutelos, quatro delas torres vãs. Há mais três portas e três postigos. Mas a grande surpresa é a Torre de Mena-gem, afastada do centro, em forma de pirâmide truncada a lembrar Aljaferia, com uma janela árabe e um arco em fer-radura. Não sei se para esconder a comoção, D. Isabel desvia os olhos para a torre capela a invocar Santa Maria Madalena, venerada pelos membros da ordem do Templo. Há marcas na arquitetura, em toda a simbologia das esculturas, na memória da pedra.

É difícil os animais passarem. Há nobres a chegarem da rua dos Cavaleiros, gente vestida de forma bizarra vinda da ju-diaria, ao fundo. A praça é um largo arraial de tendas brancas e azuis coladas aos muros, duas maiores ao centro com as armas de Aragão e Portugal num escudo pintado na parte da frente. Instalam em cada uma delas parte do séquito da nova rainha. As damas mais chegadas seguem com ela para os cómodos apertados do castelo.

O rei não está. Remoques entre os cavaleiros dizem-no a festejar os últimos dias de solteiro, na alcova de uma das damas preferidas. Vozes da corte falam de trabalho intenso, sur-gido à última hora. Amor e trabalho são duas virtudes nos có-digos de D. Dinis. Com vinte anos completados em Outubro, tem três bastardos, todos da mesma idade. Mas nada o afasta das obrigações de estado. Antes do casamento ocupava-se da capela gótica nos Paços de Oliva, em Sintra, ordenando ainda aos mouros forros de Colares que não descurassem os outros paços por ali. Enquanto decorria a cerimónia em Barcelona

firmava acordo com o irmão, e em Abril ainda participava nas cortes de Évora.

Quem vem receber D. Isabel na sala do castelo é D. Aimeric d'Ébrard

Boa, a viagem, senhora D. Isabel?

Podemos dizer que sim, D. Aimeric. Sempre partistes mais cedo de Barcelona?

Por força tive de partir com D. João Martins, senhora. O caso de Juan de Cardena exigiu uma reunião com o clero em Tarragona, como na altura vos disse

Inútil para ele, que se foi. Mas podíeis ter esperado em Aljaferia. A vinda mais cedo foi?...

Ah, deveu-se à necessidade de informar pessoalmente D. Dinis e o clero de Portugal do que se estava a passar

E D. Dinis, onde está?

Teve de partir à pressa, mas não conta demorar

O bispo de Coimbra não se alonga em palavras e D. Isabel acomoda-se à rigidez do quarto, para descansar corpo e emoções. Afinal o rei já conhecia pormenores do caso, devia saber pelo bispo detalhes sobre Juan. Era para ser noite de festa até mais tarde, mas alguém pede que se calem as cítaras e as soa-lhas, para a rainha e comitiva descansarem.

IX

E pos seus olhos nos meus enton

No dia seguinte D. Isabel não sai do recinto do castelo senão pela tardinha, quando o sol de Junho começa a declinar. Os festejos de S. João ganham uma energia nova com a frescura da tarde, que atrai mais povo dos casais dispersos, gente de nobre linhagem com sede de animação. Festa a valer só com a natural alegria do povo, a dar vida ao arraial até ao nascer da aurora.

Quando o outro dia amanhece formoso, já ranchos de servos distribuem entre si o trabalho das mesas, no pátio do castelo. Cá de baixo alguém grita para as frestas que são quase horas da rainha descer para a cerimónia. E antes dos cavalos aparecerem no terreiro ajaezados a rigor, o cortejo de damas antecede a saída de D. Isabel.

Apesar de não distarem mais que uns passos da igreja, montam-na no belo palafém em que saiu de Aljaferia, toda a viagem até cá resguardado de peso e fadigas, para estar fresco neste momento. Minha tia e a marquesa Rodrigues compõem-lhe a orla do manto cor de pérola, quase dourado com um vivo púrpura, sobreposto às costas do vestido azul lírio, a cor da castidade.

À vista do tímpano da igreja ajudam-na a descer. Agora vê-se bem a perfeição do corte das costureiras do paço de Zaragoza. O manto é longo, a tapar as costas, deixando à vista a frente do vestido composto por corpete liso e duas saias. A de baixo é de tom mais claro como o céu ao meio dia, a de cima

abre-se à frente desde a cintura, em duas metades que se afastam para cada um dos lados. A tapar a cabeça tem D. Isabel véu de seda branca, cingido por uma coroa discreta herdada de D. Constança.

Nessa altura avista o seu rei pela primeira vez. Alto, determinado. Parece mais novo do que o infante D. Afonso. A sair da igreja a segurar a bainha da espada, detém-se no portal quando dá com o cortejo formado, a poucos passos. É sóbrio no vestir. Só túnica em tons de púrpura, fita de couro fino à cintura. Pelas costas um manto cor de pérola, orlado de discreta pedraria. E como jóias só uma soberba coroa de rubis e diamantes, e o anel de rei no dedo médio.

Rodeiam-no anciãos de longas barbas de quem ouço referências. Um deles é D. João Peres de Aboim, senhor de Portel e trovador. Em tempos foi mordomo de D. Afonso III, honra que lhe valeu continuar como conselheiro do filho. Ligeiramente atrás, olhando sem olhar a gente de Aragão, está o mestre da ordem do Templo, D. João Escritor. Do lado direito dele o bispo de Lisboa, D. Mateus, a segredar alguma coisa a D. Aimeric D'Ébrard, décimo quinto bispo de Coimbra, sem contar com os dezasseis anteriores, da então Aeminium.

D. João de Portel confia ao rei uma opinião favorável sobre D. Isabel

O conjunto é formoso. Se não olharmos D. Isabel bem de frente, nem se lhe nota o pequeno desvio do olho esquerdo

Nada que eu não soubesse já... como deveis calcular

E descendo os dois lanços da escada D. Dinis avança na direcção da rainha, com gentileza contida

Salve D. Isabel

D. Dinis

Logo baixa a cabeça, incapaz de articular outros sons. Não será só embaraço pelo belo sorriso do rei, pela entoação de palavras alinhadas como versos

Feliz de vos acolher, D. Isabel de Aragão. E a viagem?

Foi tudo muito agradável, senhor

E à chegada, as coisas estavam a vosso contento?

Estava tudo perfeito, D. Dinis

Quase sussurros, mais abafados pela insistência da cabeça inclinada para o chão. Ninguém tem dúvidas de que se esconde, como se o rei não tivesse já medido tudo o que sobre ela importava saber. D. Dinis faz os cumprimentos à nobreza de Aragão e Catalunha, com esmerada educação, atenções mais demoradas aos membros da família real. Serão eles a fazer chegar ao reino a boa impressão que lhes causou. A seguir dá o braço à noiva, sem entusiasmo exagerado, como se cumprisse uma obrigação de rotina. E entram na igreja para dar início à cerimónia.

D. Vataça teme pelo futuro da união, conforme confessa em surdina a D. Beatriz de Cardona

Nem sei o que dizer... Será um casamento ditoso?

Pois se verá. El Rei ainda é mais formoso do que a fama o vestia, acho que é isso que temeis

É... um varão e tanto. Damas não lhe faltarão

Damas e donzelas. Olhai para trás, sobre a cabeça dos convidados da frente, e percebeis o que quero dizer

A cerimónia é mais longa do que eu julgava, arrastada pelas palavras do bispo, com paramentos e casula bordada a ouro e púrpura. Cansado do que não entendo saio, depois de varrer com os olhos toda a formatura de clérigos fardados de

sobrepeliz. Falta-me a sesta. Num instante encostado a uma árvore, escorrego para o chão de olhos fechados, pronto para adormecer.

Qual quê. Uma comichão daí a pouco no solo, impede-me de pregar olho. Nada de grave, só muito povo à minha roda, cuidando que preciso de amparo. Sorrio à boa gente de Trancoso que me faz sentir no meio dos meus, em Penedès. Mas um deles não é daqui, acompanhou a comitiva de D. Isabel, deu-me alento com sorrisos cordiais, durante toda a viagem. Cavaleiro, trovador, chegado à corte de Aragão pelo modo como falava com D. Constança de Hoenstaufen, é o que sei. Levanto-me para lhe corresponder, já ele se adiante a meter conversa à força, como fêvera na tripa

Sou Pedro Bonet... Tua tia já terá falado com D. Isabel?

Sobre o quê, dizeis vós?

Sobre a mensagem de há meses

Não sei de mensagem nenhuma

Sabes, levaste-a a teu tio Juan de Cardena, no dia da cerimonia em Barcelona

Afinal da parte de quem vindes?

Não tenhas medo. Além de amigo de Ángel sou privado de D. Pedro de Aragão. Por um lado venho a mando da rainha, para vigiar gente suspeita, depois tenho ordens de Ángel para levar resposta à mensagem

Juro que nada sei. Soledad até agora nunca mais falou do assunto

Calculo, ontem pelo menos nada tinha apurado, mas eu queria saber de hoje... se hoje teria sabido alguma coisa

Repito que não deve ter pensado no assunto, ocupada com os preparativos da festa

Deve ser isso...Ou então espera que D. Isabel fale primeiro com o rei

Os noivos vêm saindo. Atrás deles forma-se o cortejo com bombo e folias, até ao palanque armado no recinto do castelo. De frente para as mesas encostadas às paredes, sob toldos de estacas e ramos com flores a treparem, fica o toldo real branco e azul. Debaixo dele a mesa maior, para membros da família dos noivos e dignitários reais.

Banquete mais farto não podia haver. Mas em vez de comida estou sedento de bailar no espaço livre à volta das tendas, cá fora, onde as donzelas do povo agitam as ancas, sob saias coloridas. O atilho grosso a meio do corpo marca-lhes a cintura fina, e um cheiro de terra seca e plantas silvestres, levanta-se dos fatos ao sabor das danças.

Só me abeiro do portal do castelo, embriagado de sons, quando se propaga o rumor de que o rei vai oferecer um colar a D. Isabel. Já então um ajuntamento de fidalgos rodeia os noivos, de pé, para ver D. Dinis apertar a gargantilha no branco pescoço da rainha. Nem com a música interrompida consigo apanhar as palavras, tal o molho de cabeças a escurecer o centro da roda, à volta de ambos, prolongado como nuvem até aqui.

Estamos todo o dia em festa. O bravo povo exausto de comer à farta e bailar, está ansioso pelas atracções anunciadas pelos arautos, logo ao romper do dia. Os animais que descansem, têm ração melhorada. A palha também não dá cuidado, pode secar nas eiras que o tempo está favorável. Mal a noite se anuncia, o burgo treme de palmas e estralejar de gargalhadas. Há saltimbancos, cuspidores de fogo, dançarinas mouras quase nuas, num cortejo de estranhos arabescos corporais. O

recinto do castelo não dá para tanta gente, renova-se a cada mudança de quadro. Mais vazio só quando as bizarras exposições dão lugar a arte mais sossegada.

As farsas burlescas afastam uma parte que continua a bailar, cá fora. Depois são as cantigas na voz dos jograis, repetidas por segréis honrados por poderem brilhar. E finalmente o momento de trovar. D. Dinis revela uma cantiga de amor, dedicada às donzelas dos campos próximos, *Õa pastor bem talhada*. Depois com um seu privado da gente de Briteiros, diverte os convidados com trovas de maldizer, ensoadas à pressa por jograis à espera do seu momento de glória.

Passamos a meia noite sem quase darmos por isso. D. Isabel retira-se primeiro, com o consentimento do rei. Só nesse momento consigo avistar o lindo colar de prata dourada, com pedraria e pérolas. Minha tia e outras damas próximas seguem-na. Ficarão com ela na câmara maior do castelo, até à chegada do rei. Durante largo tempo divertem-na com pormenores de aduladores turvados pelo vinho, com contratempos de damas que não cabiam nos fatos. E despedem-se à pressa com um piscar de olhos, quando percebem o pigarrear de D. Dinis ao fundo das escadas.

Dáí a pouco um ovençal fecha a porta de acesso, pelo lado de fora, mas nessa altura já eu me escondo no vão da escada da planta inferior. Ouço bem, e talvez os varões mais sóbrios no terreiro, a voz do rei em chamamento, a correr para a porta ao lado onde se apinham as damas, atentas ao menor ruído

Onde está D. Isabel, que não a vejo em lugar nenhum?

...

Perguntei pela rainha e ninguém me responde?

Só minha tia se adianta, ainda que receosa dos modos bruscos de D. Dinis. Entra com ele, percorre com os olhos cada canto do quarto, suporta-lhe o último acesso de mau humor

Afinal onde está D. Isabel, podeis dizer-me?

Agora mesmo a deixei aí, senhor

Aí onde, que não a vejo?

Não deixa de ser intrigante. Se saísse pelo corredor D. Isabel era logo avistada pelas aias; se descesse pelas escadas não faltaria quem desse por ela no pátio. Os pertences do quarto são escassos, nem arcas de grande porte, nem repositores espessos. A não ser... Não escapa a D. Dinis aquele movimento de olhos de Soledad para os pés da cama, vestida de linho grosso. Então o silêncio. Comunicam com acenos de cabeça, a minha tia que sim, que só pode D. Isabel estar escondida sob a cama. Ainda sem palavras, de braço esticado, D. Dinis pede que saia quanto antes. O resto será com ele.

A porta fecha-se com estrondo, para frustração das damas assomadas em cacho no umbral do outro cómodo. Agora sentado ao fundo da cama, o rei modera os modos rudes de há pouco. Não há carinho nem rispidez quando chama D. Isabel, só cansaço pelo adiantado da hora

Tendes que sair daí, D. Isabel, não vou esperar a noite toda

Já passou tempo bastante, não achais? Quero-vos do meu lado

Ainda quase silêncio, só a respiração ansiosa de quem foi denunciada, sob a roupa

Já disse para sairdes daí, isso é lá comportamento de uma infanta preparada para ser rainha?

As madeixas de cabelo dourado emergem da orla das mantas, depois eleva-se o corpo mal disfarçado sob a camisa fina. D. Isabel põe-se de pé, corada como as rosas vermelhas criadas em Zaragoza. Traz no rosto um medo cândido, com um ramo de flores murchas numa das mãos, na outra a imagem de S. Francisco de Assis

Ramalhetes murchos e figuras de santos agora... D. Isabel?

São palavras de S. Francisco, amigo de minha tia avó

Não precisamos delas, vos garanto

Temi muito este momento, senhor...

Não sou carrasco nem santo, descansai

Nem eu sou bela nem vós meu amadeiro

Sereis a minha mulher, o resto logo veremos

E dá-lhe a mão. Trémula, longe dos relâmpagos de sonho com que vestia o seu noivo, D. Isabel ainda espera que do embaraço nasçam rosas rubras. Porém só o peso da noite desce sobre o leito, o ar abafado, quase irrespirável. Se morrer não pode, melhor render-se às carícias que farão de ambos verdadeiros esposos, na penumbra encantatória do quarto. E uma mão de fada vai afastando o manto pesado das dúvidas, até derramar o bálsamo das estrelas. Agora só o piar do mocho risca o sono dos convidados nas tendas, como o chiar das portas entreabertas pelas camareiras, espera um som revelador do acto consumado.

Muito tarde, ainda as lâmpadas da câmara dos reis estão acesas. A noite não se fecha para ambos antes de D. Isabel entregar a D. Dinis o rolo com a mensagem de Monzón. Ele agora chama-lhe *minha mulher*, e assim a trata em tom mais comunal, conforme testemunha do lado de fora Soledad que resiste ao sono, sombra nocturna doida por

escutar o principal da conversa. Primeiro são as palavras de D. Dinis

Trouxe-a quem?

Até aqui tem vindo na minha bagagem, mas quem a levou ao Paço de Barcelona foi Juan de Cardena e o sobrinho, Javier, a mando de frei Ángel

Conheço a linhagem deles?

Juan era irmão de minha aia Soledad e de Ángel, o pai de ambos tinha laços de sangue com meu cunhado Raimundo Fole

E o rapaz, é teu criado?

Ainda não... com tua permissão aprenderá para escudeiro meu ou de minha irmã Beatriz

Faz como melhor te aprouver, não me oporei

Mas parece-me que D. Aimeric te confiou alguma coisa. Afinal houve um encontro de clérigos em Tarragona, por causa de Juan de Cardena

Ou por causa dos temores de frei Ángel. E tens razão, já ouvira alguma coisa, só queria ver se tudo coincidia

Não acreditas no bispo?

Acredito em toda a gente que me rodeia, sobretudo no bispo que foi meu educador. Mas há formas diferentes de ver as coisas, há conversas sem importância aparente entre criados que às vezes são muito proveitosas, só isso

Consegues decifrar a mensagem?

Parece séria. Frei Ángel pede ajuda, em troca de mais reservas de ouro, e conhecimentos importantes para os nossos construtores

Como sabes tanta coisa por meia dúzia de símbolos?

Força do hábito... Primeiro a estrela de cinco pontas, a força da mente sobre o corpo. E mente é pensamento, conhecimentos, ciência. Vês depois esta figura geométrica, no centro da estrela?

*Um triângulo perfeito
Instrumento de trabalho para mestres pedreiros desde os egípcios, este com meia lua sobre o lado vertical, formando um P*

De Portugal, calculo

Sim. Mas há mais

Falas do II e do III?

Também. Desde os gregos que o II é indicado como símbolo das fêmeas, e o III o dos varões. Três vezes juram os templários em seus rituais. A junção de ambos dá o V, a união. Talvez o frade templário queira referir a nossa, e nela deposite esperanças de o podermos ajudar

Talvez, meu pai conta com a ajuda deles, como sabes. Mas tanto não conseguiria eu decifrar

A figura onde se inscreve o P, ainda pode ser entendida como uma vela desfraldada, conhecimentos do mar

Talvez seja isso, sim. Ainda não tinha reparado

E o brilho das estrelas pode revelar o ouro acumulado por elementos da ordem

Há pouco disseste mais reservas de ouro... Já sabes de algum, por aqui?

Não tem um rei que saber tudo? Mas ainda é cedo para falar de segredos do reino

A ordem parece correr perigo, conforme o pedido dissimulado nas palavras do torneiz

Já sabia que corria. Estudarei melhor como posso colaborar, convocando o mestre do templo em Portugal. Para já será preciso acalmar Ángel de Cardaña

No outro dia, ainda o sol não ameaça romper por detrás do casario, o rei desce ao pátio a apertar o pelote, para montar

umas horas antes da primeira refeição. Faz-me um aceno que me deixa honrado

És então Xavier de Cardeña?

Sim, senhor D. Dinis. Precisaís de mim?

Ajuda a aparelhar o meu cavalo, depressa

Depois sai da muralha pela Porta do Carvalho com os monteiros, até meio da manhã.

Lá em cima as camareiras não deixam D. Isabel descansada, à espera de certas revelações. Passam-lhe panos molhados pelas costas, sob os braços longos, pelas pernas torneadas. Querem saber como foi, antes de tudo, depois o que quer vestir, como se quer pentear, o que deseja comer. Só a resistência dela as faz descer para tomar o desjejum. Sozinha com minha tia, fica então mais à vontade para falar de coisas íntimas, sugeridas pelo jeito esperto de Soledad

Estais bem, D. Isabel?

Estou, mas não sabia que era assim

Assim o quê... como... senhora?

Sabes bem o que quero dizer

Vos juro que não alcanço

Ah, ser mulher... dizia eu que ser mulher é um aconchego doloroso

Falais de estar juntinho de um varão?

Isso mesmo em que estás a pensar

Se é aconchego sabe bem, pelo que lembro

É um aconchego doloroso. Mas se lembras, então já pertences-te a alguém...

Credo, senhora. Pertença sou de mim, de ninguém mais. Mas dizíeis?

Que tendo passado a pertencer a D. Dinis, maior receio tenho de que se aparte de mim

Mas não se apartará, bem sabeis

Partir de todo não vai partir. Falo de vez em quando, para as novas aventuras. Um dia terei de partilhá-lo

Falou-vos dos bastardos?

Dos filhos naturais, como ele diz, e das damas que os pariram há três anos

Referiu alguma delas, em especial?

Por pudor não disse nomes, mas vejo que tem por todas algum sentimento que não consigo apurar

Qualquer varão real tem esses devaneios. Não é D. Beatriz de Cardona vossa irmã bastarda?

Cala-te na sua frente, já te avisei uma vez

Claro, senhora, só vos lembrava que D. Pedro fez das suas... Mas já era do vosso conhecimento a prole de D. Dinis

Pois era, mas só agora dou conta de quanta dama formosa o rodeia. Será possível competir com elas, com este defeito no olhar?

Ai, ai, ai... De que defeito falais, senhora D. Isabel? Não há rainha mais esbelta de formas, mais entendida em medicina, mais versada nas letras...

Pára, Soledad. Não saberei eu das minhas limitações?

Não estou a conhecer-vos senhora. Lembrai que só satisfeita convosco, tereis a porta aberta para o respeito dos outros

E já minha tia faz menção de se ausentar, para dar lugar a D. Vataça que vem chegando, ainda D. Isabel a interroga

Mas ele é formoso de mais, não achas Soledad?

Lá isso é, senhora. Que varão mais sem defeito, Nossa Senhora do Pilar

Ficamos na vila, agora senhorio de D. Isabel, até as festas de Sant'ago. Ainda assistimos, durante as romarias de S. Bartolomeu, a uma feira grandiosa de uma semana, animada por peregrinos que seguem para Compostela, ajudamos a dar vida a festejos todas as noites, testemunhamos o amor do povo aos esposos reais, em homenagens diárias. D. Dinis chama cada vez mais D. Isabel de “*minha mulher*” e não parece infeliz. Galante mostra-lhes os recantos da vila, as portas da muralha

Vem cá, a do lado Este é a Porta do Sol, aquela de Nordeste é a Porta do Carvalho, A Noroeste temos a Porta do Prado e a Sul Fica a Porta de El Rei

Já sabias?

O infante teu irmão falou-me do nome, quando entrávamos

E continuam pelos arredores do burgo por entre palmas do povo, admirando pormenores das igrejas simples como as almas sem pecado.

Agora sem cuidados de aparelhar montadas nem presa de viagens, tenho tempo para meditar. A maior distância dos acontecimentos vou juntando pontas de conversas, gestos evasivos, sorrisos esquivos. Até as trocas de olhares acrescentam peso às minhas suspeitas de que se comportam de forma estranha, ou nem tanto, estes nobres com atribuições importantes na corte. São quase todos trovadores. Os que não são, estão ligados a outros que o foram por relações de parentesco. São os privados do rei, formam com ele o núcleo da governação, reunindo primeiro quando chega a hora do Conselho tomar decisões importantes.

Aproveito a chegada de Pedro Bonet, para partilhar com ele ideias, descobertas, ou impressões precipitadas, ainda não sei. Mas confesso que muito queria descobrir sobre as coisas

do reinado de D. Dinis, a quem começo a dedicar um afectuoso respeito. Não diria que Bonet desvia a conversa, mas em vez de respostas directas, conta como brincava em criança com D. Pedro III, em Penedès, antes de assentar morada nas terras do Vall d' Aran, em Salardú. E como já varão adulto se teria mudado por opção sua para o povoado de Taüll, para dirigir as últimas pinturas da igreja de S. Climent

Sabeis então quem fez aquele belo Cristo em Majestade?

Sei quem fez... parentes meus. E depois fui eu, com mais alguns companheiros, quem deu os retoques do aspecto de hoje

Vós... aquele céu belíssimo feito com pó de lazúli?

Não te admires tanto. Convivi com mestres canteiros em viagens a França, depois no reino de Aragão e Catalunha. Decidi aprender a técnica dos frescos com um monge guerreiro do Templo

Irra, mas a gente do Templo sabe fazer quase tudo

Sabe muita coisa, para dar seguimento aos apelos de quem precisa

Dizeis os apelos do poder, D. Pedro?

O verdadeiro poder é o saber, Javier de Cardena, nunca te esqueças

Não é bem assim... e vós sabeis

Tenho este desabafo a meia voz, quando ele já se encontra a razoável distância. Meu tio Ángel nunca me mentiu sobre as trocas de favores entre templários e os líderes dos reinos. Servem a quem lhes paga. E se é justa essa permuta de forças, não se pode dizer que seja desinteressada. São importantes os conhecimentos, secretamente preservados por iniciados que vencem os rituais, a disciplina austera, mas não tem sido apenas acessório o cuidado em desenvolver formas de enriquecer, como garante do respeito público que a ordem do Templo exi-

ge. Fico com água na boca para saber mais, mas agora não há ocasião para adiantar conversa sobre o assunto.

Contava eu que seguissemos directamente para Coimbra, um burgo sobranceiro a um rio navegável, rodeado de belas matas, pomares prenhes, verdes pastagens. Não faltam moradias com gente de fora, até do reino de Aragão, atraídas pela amenidade do clima e abundância de géneros, diz D. Aimeric num raro momento de atenção aos mortais. Lisboa é a sede do reino há vinte e dois anos, os paços da alcáçova do castelo de S. Jorge estão renovados de fresco para albergar a família real. O mesmo D. Dinis manda fazer com os paços de Santarém e Estremoz. Leiria é um caso à parte. Já tem planta para se tornar o paço mais formoso de quantos povoam o reino. Mas Coimbra é o lar de muitos nobres de primeira linha em quem o rei se apoia, e que o seguem para todo o lado.

Afinal, numa reviravolta de planos, dizem-nos que vamos ficar umas semanas na Guarda, onde D. Dinis precisa despachar assuntos urgentes com os chanceleres e secretários, talvez até emitir um diploma. Pedro Bonet consegue uma audiência com ele, estamos nós instalados na cidade há quase quinze dias, e tudo indica que obtenha resposta favorável para levar o meu tio. Haverá franco acolhimento aos membros do Templo que, por seus meios, consigam chegar ao reino, venham eles dos vários cantos da Europa ou do Oriente Médio. Quanto ao resto, pouco claro para nós, ainda é cedo. Nada de mensagens escritas, só palavras de trovas decoradas. Não convém criar atritos com a Santa Sé, já estremecida com o rei de Portugal por causa de águas passadas. Porém D. Pedro ainda segue mais um tempo connosco, não sei até que destino.

X

*Pero que troban e saben loar
sas senhores o mais e o melhor*

A viagem definitiva começa bem cedo antes do sol nos castigar, um sol nos últimos dias quente de mais para a época. Levamos no séquito um varão de pouco mais de um ano, para ser criado na corte, que as más línguas reconhecem como o mais novo bastardo do rei, mas a história leva outras voltas. Chamam-lhe Estêvão, mais nada.

Da Guarda desviamos rumo a Penamacor, para uma visita à capela de S. Domingos da Sobreira. Depois alcançamos as estradas bordejadas de cerejeiras que levam ao Fundão, um pouco abaixo. Deixamos o séquito da rainha no mosteiro de Alpedrinha, e um cortejo reduzido continua até Castelo Novo, doado ao Templo pelo primeiro alcaide da pequena fortaleza.

Depois de carreiros estreitos ladeados de pedra e azinheiras, de moitas de giesta entre erva madura, alcançamos o burgo pequeno, mas formoso, encravado numa encosta abrigada da aba leste da serra da Gardunha. Estamos agora na praça de armas. A meio duas torres quadradas, sozinhas, a sineira e a de menagem, erguem-se como sentinelas amparadas por gárgulas nas junções. A torre de menagem tem-nas apenas nos dois ângulos da parte leste. Paramos.

Aqui o rei designa seis dos seus privados para ficarem com ele, e manda os outros até ao mosteiro de S. Vicente da Beira chamar frei Cosme. Dizer só que *D. Dinis chegou*. Assim fazemos, calculando eu, pelos olhares de Pedro Bonet,

que naquele lugar estará alguma coisa importante. Quando chegamos com o frade, já de chaves na mão para abrir a porta de uma das torres, voltamos a ser afastados, neste caso a caminho do lugar onde ficou o séquito da rainha. O resto, para minha frustração, é só com o rei e o reduzido grupo, onde o templário desempenha um papel importante. Ainda atraso o passo para voltar ao burgo, mas o meirinho dá conta, à frente deste agrupamento que segue para Alpedrinha. E cavalgando até à retaguarda, coloca-se a meu lado, para me fazer alinhar pela formatura.

Mal termina a ceia, já no outro dia, Bonet tem uma reunião privada com os reis, depois vem despedir-se de mim e de Soledad, contando sair cerca da meia noite para fugir ao calor. Ansiosa por notícias do paradeiro recente do irmão, minha tia manda lembranças

Dizei-lhe que tememos por ele, e por isso rezamos todas as noites

Sossegai... Ángel e os companheiros sempre souberam cuidar-se

Terão entrementes abandonado a casa de Monzón?

Um ou outro, talvez. Dispersos será mais fácil escapar e haverá certeza dos ensinamentos da ordem serem preservados

Para onde se dirigem, os que fogem?

Esconderijos não faltam... Barbastro, Viella, Caldes de Boi, mas guardai só para vós minhas suposições

Um bom lugar, Caldes de Boi. Antes que os descubram, avis-tam eles quem se aproxima, ou do cimo dos montes ou do campanário. Mas só eu sei como Ángel gosta do conforto de um leito

E também da água gelada das cascatas, da sabedoria das pedras, do ar agreste dos montes

É determinado, como os outros companheiros, mas se Filipe III levar por diante as intenções de invadir Aragão, será grande a desproporção de forças

Pior é Navarra vir a ser um feudo de França. O que se decidir além Pirenéus, num instante será repetido nas terras vizinhas, disso não tenho dúvida

Ide então descansar umas horas e amanhã parti com Deus, D. Pedro Bonet

Partirei, Soledad

Já a caminho dos cómodos o cavaleiro dirige-me agora as últimas palavras

E quanto a ti, Javier, quero-te um homem diferente quando voltar ao reino. Ver-nos-emos amanhã bem cedo?

Farei por isso, senhor, vereis. Até amanhã, então

De madrugada, tal como ele esperava, estou a pé para lhe segurar o cavalo, ainda os contornos dos campos se escondem por dentro da escuridão. Entrega-me uma carta lacrada, enquanto vai ditando um compêndio de recomendações. E depois o silêncio é riscado pelo trote da besta, a caminho de noroeste até ao porto de Gaia. Por esta tomada de rumo fico a pensar se meu tio não estará no mosteiro de Muros, não longe de Compostela...

A carta não dá respostas, só achegas para colmatar lacunas. Volta atrás à tentativa de enforcamento de Ramon de Barbaré, faz revelações da linhagem dos parentes, expõe os fundamentos da convicção que, segundo o próprio Bonet, justificam os acontecimentos recentes que envolvem o destino dos nossos reinos. Poucas novidades. Já sabia quase tudo pela boca de meu tio Juan

Que Deus seja contigo Javier, ou Xavier, como é costume no reino de Portugal

Deves ter-te perguntado mil vezes, depois do mês de Janeiro, que estranhas coisas se passam em terras de Aragão e Catalunha, que levam a enforçar ou apedrejar cristãos.

Ramon é descendente de habitantes do Midi, no sul de França, que a Igreja considerou hereges no princípio deste século. O enclave onde se falava a língua de oc gozava de uma prosperidade assente no respeito pela cultura tradicional, na capacidade de cada indivíduo, mais ou menos privilegiado, tomar parte nas decisões do poder.

Chamavam-se a si mesmo cátaros, puros ou limpos de impureza. Acreditavam no Velho Testamento, fomentavam a aproximação entre gente de todas as condições, bastavam-se com suas terras e indústrias artesanais. Com espaços e mentes abertas, onde todos tinham acesso ao saber, era condenada a servidão que imperava nos territórios vizinhos de Aragão e Catalunha, com extensão ao Rossilhão.

Não agradava à Igreja que vivessem o Cristianismo de forma autónoma, sem submissão ao papa e a dogmas. Nem que denunciasses a fraqueza dos prelados nomeados para as suas terras, a tentação pela prosperidade que iam encontrar e que cedo os fazia esquecer as paróquias, a salvação das almas, para cuidarem dos negócios, sem respeito pela pró-

pria missão evangélica ou pela cultura occitânica do rebanho.

Ousados na denúncia, firmes na independência de valores religiosos, os cátaros cedo mereceram o ódio dos outros cristãos, incendiado por falsos profetas e inquisidores. Daí até à decisão do papa Inocêncio inaugurar uma cruzada contra eles, foi um passo. Cruzada feroz, inumana, de cristãos contra cristãos. Muitos fugiram para as florestas, à espera de contactos favoráveis de Toulouse. Outros escaparam asilados em casas de indigentes, em Carcassonne. Um punhado conseguiu chegar a Béziers, pela via Domitília, refugiando-se nos castelos de gente solidária ou nas casas das ordens monásticas.

Também o Templo, sobretudo o Templo lhes deu guarida, salvo-condutos, transporte, para atravessarem os Pirenéus até Aragão e Catalunha. Aconteceu com os parentes de Ramon de Barbaré. Mas se o bisavô de D. Isabel morreu pela causa deles em Muret, seu filho Jaime I teve de consentir na Inquisição para satisfazer o papa, ao mesmo tempo que fechava os olhos aos movimentos migratórios para agradecer ao Templo e a poderosas famílias de cátaros.

Parentes de Ramon apedrejaram até à morte, um dia na Catalunha, o chefe dos inquisidores nomeado pela Santa Sé. Ramon era fiel ao Templo, hostil ao poder de França. Anunciava, como visitante da ordem, o casamento de D. Isabel de Aragão, filha do rei que a coroa de França queria destronar

a seu favor. E para aumentar pendências, D. Pedro vinha demonstrando tolerância com os outros credos e formas de viver o Cristianismo.

A mesma forma de pensar serve para justificar a morte de teu tio Juan de Cardena, que ousava denúncias parecidas com as antigas. Afinal o teu avô materno, aparentado com os duques de Cardona, tinha simpatia pelos cátaros. E depois havia, há ainda, o envolvimento de França e do papa na questão da Sicília contra D. Pedro III, os cofres de Filipe vazios, a sede de conseguir as reservas do Templo e os reinos prósperos à volta dos quais tua família tem gravitado, até Juan se tornar um rebelde proscrito pela Igreja. Nada disto é definitivo, mas são fortes as probabilidades de acertarmos.

Tem cuidado contigo, Javier. A sede de poder, a pouca compaixão pelo sofrimento alheio, confundem o sentido das amizades, mais perto só quando estamos bem. Ter convicções é próprio de um varão de brios. Mas mais sagaz é aquele que sabe escolher o momento oportuno para as revelar. Não te des a conhecer, por enquanto, como sobrinho de Juan e Ángel de Cardena, ainda que tenhas a protecção do mais brilhante dos reis, da mais dotada e digna das rainhas.

*Teu amic d'avui i de sempre
Pedro Bonet
Templário e trovador*

XI

*Quer'eu em maneira de proença
fazer agora un cantar d'amor*

Agora sim, viramos francamente para ocidente. Dizem-me que, numa linha recta, depressa alcançaremos o burgo de Coimbra. Na primeira fase teremos de contar com caminhos íngremes, ladeados de penhascos. Depois serão as matas cerradas, as planícies férteis, numa segunda metade apetecível desta longa jornada.

D. Isabel não se queixa. Desafia o ar agreste, nas alturas, acomoda-se ao austero alojamento dos castelos sem esquecer o sorriso paciente. Resolvidos problemas pontuais dos lugares onde mudamos de montada, encaramos a nova etapa, até nos juntarmos com um grupo de procuradores do rei de terras acima do Vouga, que fizera um desvio por Viseu.

D. Dinis revela-se um esposo atencioso, quando está perto da mulher. São muitas as saídas aos concelhos vizinhos para tratar de problemas locais, dizem seus adjuntos. Mas à hora da ceia é presença constante, e trovar em honra da rainha ou de qualquer outra dama encapuzada nos versos, é o passatempo que mais promove desde a união em Trancoso. Nós gostamos de ouvi-lo. Bebemos vinho português e trovas, enquanto os serões se alongam em gemidos de cítara e as tochas vão consumindo a gordura.

Não entendo bem as palavras, mas Soledad tem a certeza do rei trocar sinais com D. João Peres de Aboim e D. Aimeric d'Ébrard. Às vezes também eles contribuem, dizendo os

entendidos que o rei e o bispo são os melhores trovadores de toda a Ibéria.

No outro dia continuamos viagem por um caminho bordado de sarça desbotada, até ao castelo de Avô, restaurado à pressa por D. Dinis, onde ficamos mais uma noite em sossego. E em breve desfrutamos do lindo percurso entre o Alva e o Mondego, mais adiante o melhor trilho entre o Ceira e as faldas da serra do Rabadão, para atingir Abrunhosa e entrarmos em Vila Nova de Poiares. Mais à frente D. Dinis aponta para sudoeste

Para além fica o mar, Isabel. Um dia, a caminho de Lisboa, iremos por lá até ao ponto onde se abraçam os rios Lis e Lena. Contamos secar o paúl de Ulmar, dividir as terras por colonos, semear os pinheiros bravos

Já ouvi falar dessa decisão, só não entendo a troca de pinhos mansos por bravos

Por um lado precisamos de vegetação resistente para reter as areias e poupar as colheitas das terras aráveis, ali e em outros lugares. Depois o pinho bravo cresce mais depressa, alcança digno porte num instante

Aí está um bom tema para uma conversa mais tarde. De Botânica nada entendo. Marinha Grande é para aquele lado?

Fica mais perto do mar, pouco distante de Leiria

Ah, Leiria... onde há um castelo com moradia real?

Ainda não... havemos de melhorá-la para lhe chamar assim

De novo as paragens regulares para beber, para as mudas da rainha, agora transferida para o seu lindo palafrém. Calculamos bem as léguas para repartir com acerto por cada jornada, de modo que ainda há sol quando alcançamos a vizinhança de Coimbra, nesta quinta feira de quinze passados de Outubro.

Mal deixamos para trás o mosteiro de Celas, agora a descer a encosta da Eira das Patas, avistamos o cortejo na ladeira do lado oposto, com outros dignitários da corte e prelados do reino que não foram a Trancoso. Devem ter saído há pouco do castelo, recebida a notícia da nossa chegada aos limites da cidade. Entre muito povo apinhado de ambos os lados, ou ainda a correr em direcção a nós, apeiam-se primeiro os cavaleiros do outro grupo, para as vénias aos reis. À frente vem o vigário geral da cidade, D. João Martins de Soalhães, depois D. Estêvão Anes, indicado como futuro bispo, e o templário D. João Fernandes. Dois criados correm a estender no chão um tapete de tons púrpura, depois duas almofadas de seda. D. Dinis ajuda agora a mulher a descer do cavalo, muito comovida com o acolhimento da sogra D. Beatriz, e da cunhada mais velha, D. Branca.

Não é que tenha novidade o ritual seguinte, mas fico refém de tantos movimentos sem serventia. Um escudeiro da minha idade, com uma bandeja na mão onde se vêem umas chaves grossas, espera ordens de um cavaleiro, muito direito na sela, atento à deixa de um superior do paço. A deixa soa, depois são as ordens para o varão avançar. Corre agora até ao alcaide da cidade, postado à frente dos reis, e depõe-lhe na mão o prato com as chaves. Em seguida dá uma corrida de passos miúdos, para voltar ao mesmo lugar sem o esboço de um sorriso. Entretanto já o alcaide oferece as chaves a D. Isabel, que apenas lhes toca com a ponta dos dedos, empurrando a bandeja num gesto gracioso para o alcance do rei. E pronto, uma tarefa que podia durar uma breve pausa, toma quase meia hora desta tarde avançada.

Agora D. Dinis ajoelha numa das almofadas, seguido por D. Isabel, quando um diácono de tez macilenta entrega a cruz

da catedral a D. Aimeric d'Ébrard. Como bispo da cidade mandam os costumes que a dê a beijar aos noivos, neste caso como forma de receber a rainha pela primeira vez, e o rei na condição de casado. Cerimónia rápida, esta. Para minha satisfação voltamos a caminhar, agora numa lenta procissão até à Sé, adivinhada daqui pela agulha da torre, revestida de azulejos brancos e azuis.

Estamos agora no cimo da colina sobre o burgo, um dos mais formosos que já me foi dado ver. A planta da catedral não tem um traçado muito regular. Os claustros e a torre são obra posterior, sussurra alguém aqui perto, sendo aqueles colocados num braço lateral ligeiramente à ré, por causa da estrutura do terreno. Mas não é aqui que somos recebidos. Lá dentro ainda as obras se arrastam e mal se pode passar entre barrotes e pedras.

Descemos até um pequeno largo, onde outra catedral de airoso esboço, abre as portas aos reis e ao séquito cansado. A fachada tem um portal de arquivoltas encimado por janelão, e uma fresta estreita de cada lado a suavizar a robustez da pedra. Entramos. Caminham primeiro os noivos, os membros do clero, o cortejo da nobreza, ao longo da nave central até ao cruzeiro. Daí ao altar mor de Santa Maria Colimbricense, avançam só D. Dinis e D. Isabel. Por cima deles a bela torre lanterna de quatro faces, com janelas duplas em cada uma delas, sob arcos de volta perfeita. A suportar o tecto da abóbada estão quatro nervuras delicadas, escoradas por mísulas com rostos humanos. Depois nós, os servidores, dispostos como entendemos pelas naves laterais, menos atentos à cerimónia do que aos pormenores da arquitectura – a elegância dos capitéis esculpidos no

topo, com temas de animais e plantas, debruados pela luz distribuída com contenção.

D. Aimeric já está no estrado aos pés do altar, pronto para aspergir os reis com água benta. Quando o silêncio se instala, diz orações pela vida de ambos, por um reinado próspero, por herdeiros saudáveis, entre um coro de cantos esponsalícios. E mais rezas que não entendo, e de novo a água benta. Faltam os cumprimentos dos membros do capítulo, apresentados no claustro, também ele um quadrado. Cada uma das faces, estruturada por arcos quebrados, acomoda mais dois arcos gémeos de volta perfeita, a junção encimada por uma rosa discreta, de quatro aberturas redondas. É formosa na sobriedade, a decoração, animada pelo verde dos arbustos aonde os pássaros já recolhem. D. Vataça gosta do retiro, conforme segreda a minha tia

Os nossos monumentos são mais grandiosos, mas não sei que paz me atrai neste lugar

Tem um encanto discreto, sim

Vistes lá dentro? Mais do que encanto, é uma vida espiritual a pulsar

Vinha dizendo D. Aimeric, que é a mais velha das sés, com um encanto que nunca encontrou noutra qualquer. E olhai que ele deve saber do que fala

Então havemos de cá voltar

Cá fora há muito povo no adro, ansioso pela saída dos noivos. Não se vê todos os dias uma rainha de fora, ainda há pouco donzela, a montar no palafrém e a seguir, com o rei e os membros da corte, o cortejo pela Rua das Covas. Os populares correm atrás, numa serpentina que ondula pela direita ao longo da Rua de S. João do Bispo, deixando a igreja de S. Pedro,

do lado esquerdo. E num cordão cada vez mais engrossado, ainda se aventuram adiante, pela frente das casas de Milreus, até o cortejo se desfazer no largo.

É quase noite quando entramos no chamado Paço da Alcáçova, os nobres e seus privados para um lado, os criados divididos em dois grupos para diferentes compartimentos do lado oposto. Os afazeres não me enredam de mais. Nem a vontade de comer supera a excitação de cartografar espaços novos. Quem diria que por aqui a minha alma havia de prolongar a saudade da Catalunha...

Antes de me instalar num retiro dentro do celeiro, ainda consigo avistar um traçado deslumbrante de casas pela colina, depois o verde agora escuro de salgueiros a ladear um rio. Uma ponte de cantaria suportada por arcos, continua a cidade para o outro lado, onde se avista um burgo mais pequeno no sopé do monte. Depois as aves nocturnas, cascos de cavalos já sem arreios a caminho dos estábulos, silêncio.

No outro dia acordo tarde, aturdido com o desleixo que me rodeia – almadraques, pelotes, calçaduras, tudo espalhado por entre companheiros desconhecidos que roncam sobre a palha. Espreito por uma das frestas na parede. No pouco movimento do pátio da moradia, não reconheço nobres nem criados. Ninguém do séquito de D. Isabel parece bulir. Só minha tia se aventura à entrada do celeiro, para recomendar em sussurros, que tenha mais juízo a partir de agora. Diz que os reis estão acordados, devem ficar em reunião privada parte da manhã. Deixo escapar um sorriso que a deixa irritada

Estás a rir de quê, tontaina?

Nada, compreendo que queiram ficar no aconchego do leito...

Quem disse que estão no leito? D. Dinis só quer pô-la ao corrente das medidas da governação

Mais nada?

Ai... ai... que não me ouviste recomendar-te prudência. Julgas que ainda estás nos campos de Monzón ou Penedès?

Caio em mim. Se quero vir a ser um criado do paço, moço de arreios ou até escudeiro, preciso de aprender a falar dos reis de modo mais delicado, que isto de ser meio aragonês meio catalão, sem respeito pelo linguajar decente dos meus povos, acaba por aqui. E depois Soledad tem razão, há muito para D. Dinis dar a conhecer a D. Isabel. A instabilidade social herdada de D. Afonso III, agravada pelas recentes medidas políticas de D. Dinis, a necessária firmeza na aplicação da lei, os protestos do clero por causa das inquirições aos padroados e foros regalengos. Ainda recai sobre o reino o espectro da excomunhão feita ao pai do rei, por ousar retirar privilégios ou jurisdição do clero sobre coutos abusivamente tomados à coroa.

Presumindo, pelas informações, que é dia de descanso, deleito-me com a refeição dos serventes, tomada na parte norte do paço. Cabe-nos um porco pequeno, assado nos fornos de pão, regado com um vinho encorpado, envolvente como o sol. A sesta seria o complemento ideal, se conseguisse. Nunca comi tanto como estes meses desde o casamento em Barcelona, de modo que sinto o estômago pesado, os intestinos revoltados. Lá se vai a sesta, o ar folgado. Tremo quando o mordomo do paço exige a minha presença, para receber os cavalos dos membros da cúria, convocada para essa tarde. De pantalonas na mão recorro à água do balde, para dar um trato à aparência. E voo para o meu posto, com rogos à senhora do Pilar para me segurar as entranhas.

Ordenam-me que fique no limiar da porta. D. Isabel entra daí a pouco com o rei, agora de cabeça levantada. Tem o rosto iluminado pela felicidade, e essa luz desvaloriza o pequeno defeito que só a tristeza acentua. Muito calada, para entender melhor o que dizem, corresponde com gestos silenciosos de gratidão às atenções dos membros do Conselho, que repetem as palavras mais importantes em latim, não vá ela perder o essencial.

Fala-se da criação da universidade, seguimento natural dos estudos iniciados nas escolas das igrejas e mosteiros. A fixação da língua vernácula nos documentos oficiais, por ser a que o povo entende, é outra medida tomada como certa. Depois abordam a preparação de uma possível Concordata com o clero, insatisfeito com a perda de boa parte de honras e senhorios. Há ainda discussão sobre aproveitamento das terras, uma das formas será ameaçar os nobres que desleixam suas granjas, de as verem transformadas em courelas para pobres. Importante medida é a dignificação da linhagem da nobreza fixada nas herdades, como medida de prevenção para o não abandono das terras produtivas.

Quando o rei dá por finda a reunião, D. Isabel pede a palavra para se lhe dirigir nos termos dos outros nobres

Se El Rei me permite quero felicitá-lo por tão sábias decisões, mas cabe-me dizer da tristeza de ter avistado tanta mulher pobre de boa vida nesta nossa viagem, tantos indigentes de todas as idades. Gostaria de poder fazer alguma coisa para minguar tanta malignidade

Nossas medidas têm procurado reduzir a pobreza a que chamais malignidade, D. Isabel

Pois sim, senhor, mas se eu puder intervir com meus rendimentos, muito honrada ficaria

Podeis fazê-lo, se vos aprouver, mas as ordens religiosas e a Igreja já se ocupam desse flagelo

Obras muito meritórias, pelo que me foi dado saber. Mas não achais que antes sobrem do que faltem, senhor?

Pois talvez... E onde havíeis de erigir os projectos?

Um deles talvez para os lados das casas que D. Mor Dias quer construir, para instalar uma comunidade de clarissas

Faz-se silêncio. A gente do clero e da nobreza sente que não pode contrariar a rainha. Os meios são dela, os modos de apresentar as ideias são contidos e prudentes. Já tinham ouvido dizer, durante a viagem desde Trancoso, que estava na disposição de seguir o rei nas andanças, com vontade de se inteirar dos problemas para tomar parte activa nas decisões. E nem será ambição de poder, só fruto da preparação recebida para ser mulher de rei. Diziam os procuradores que trataram do casamento, que mais esmerada educação e arguta inteligência, não teria outra princesa do seu tempo.

D. Dinis levanta-se, cofia a barba, percorre com os olhos o rosto dos privados. Não quer desautorizar a mulher, nem tão-pouco assumir a responsabilidade de uma resposta protectora. Vira-se então para o bispo de Coimbra, à espera de recolher apoio, já que D. Isabel toca de modo tão frontal um assunto delicado

Se a rainha se dispõe a criar meios de ajuda, não vemos mal nisso, não é D. Aimeric?

Nem vemos mal nem enjeitamos que comece por fazê-lo nesta cidade, senhor. Estais a pensar em que tipo de projectos, D. Isabel?

Talvez num convento para damas sem dote, um asilo para donzelas órfãs, um hospício para indigentes, coisas dessas

Já tantas ideias tendes, senhora?

Quanto antes se começar melhor, D. Aimeric

Mal não seria, Senhora D. Isabel. Por mim... por nós, diria eu, não vejo entraves

Era a resposta que o rei precisava para terminar a longa sessão, sem desiludir a rainha. Mas a conversa sobre o assunto não está encerrada. A sós com ela, agora no tratamento menos distante adoptado logo no primeiro dia de vida em comum, recomenda que nunca abone palavras em favor de causas numa reunião, sem antes trocar ideias com ele

Para evitar constrangimentos como o de há pouco, só isso

Disse alguma coisa que não devia?

D. Mor vive ainda em S. João das Donas, em litígio aberto com os crúzios por causa das tais casas

Os frades não querem a obra, já ouvi dizer. Só pensei que falando dela entendessem o nosso apoio

Mas nós falamos de apoio ao projecto?

Não, mas eu gostava de apoiar D. Mor Dias

Por agora não quero contendias com eles. Receosos de perderem a fazenda que davam como certa, à morte dela, podem tornar-se muito incómodos

Afinal ela chegou a fazer testamento a favor deles?

Não, nem sequer professou no ramo feminino de Santo Agostinho, apenas pediu protecção para corpo e alma nas paredes do convento. Mas não faltarão ambiciosos que jurem o contrário

Comecei por precipitar-me logo na primeira reunião, de tanto querer ser útil, não foi?

Ninguém levou a mal, mas o melhor será organizares uma chancelaria. Aí discutirás os teus planos, revisados depois por gente do meu Conselho

Amanhã mesmo peço a Raimundo de Cardona, Pedro do Sem, padre Julianes, que se movam no que tange à formação da minha chancelaria

Dar-te-ei carta branca aos projectos, depois de acertar com meus privados. E não esbanjes recursos que cedo minguarão, quando as obras começarem